

Neste número:

A cirurgia
Lutar por justiça
As raízes do mal
Assassinato em Londres
Direito de matar
Patrulhamento
O papel da afetividade no cotidiano
Ética e células-tronco
Paradoxo
O pecado original
O neoliberalismo saiu de moda
Resgatar a dignidade da política
Gotinha de história no oceano do tempo
Não fique tão sério
Família, lugar de humanização
Malas
A carta
Alta tecnologia
Comungar com a natureza
Como educar meu filho?
Os humoristas
O ipê e a escola
Poema
Foto, fato e razão
Sucesso e sucesso
Para os pais e para os filhos...
Resgatar o tempo na liberdade do lazer
Depois não se queixe...
Ação de Graças
Expressões populares
Os pais tratam os filhos com justiça?
Fatos que a mídia não publica
O Homem feito de barro e de sopro

59

fato e razão



MFC - Movimento Familiar Cristão
... enfim “deu zebra” na teia dos milhões.

Conversando com o leitor

Os editores se sentiriam mais seguros em sua tarefa se você, caro leitor, amável leitora, fizesse seus comentários, destacando o que lhe agrada ou desagradar, sugerindo assuntos a abordar, avaliando a importância de manter viva (ou não...) a sua revista, que completa 30 anos de teimosa existência. Sua sobrevivência depende de cada leitor, de muitos leitores. Este é o desafio de qualquer publicação. Só é viável se editar um número elevado de exemplares para reduzir custos. Nesta conversa de início de primavera, pedimos aos nossos queridos leitores uma preciosa ajuda para que essa valente Fato e Razão possa viver outros 30 anos, e seja lida por seus filhos, netos e bisnetos. Cada novo assinante que você conquistar vai somar nessa busca de vida longa para a sua revista. Neste número, você vai encontrar, como sempre, matérias variadas, algumas desembocando em questões apropriadas para provocar discussões em grupos. Esse é o clássico método do MFC para promover o desenvolvimento da consciência crítica dos que nele vivem o seu processo de crescimento pessoal e grupal. Os editores da revista esperam que ela seja útil nessa busca.

H. e S. A.

fato e razão

Movimento Familiar Cristão
www.mfc.org.br

Conselho Diretor Nacional
Mozart e Geralda (Didi) Carvalho
Luiz Martins dos Santos
José Américo e Maria Marlete Sá
Vando e Neuzemi Maria Oliveira
Francisco e Laura de Souza
Maria Sebastiana (Sebá) Leão

Redação
Helio e Selma Amorim
R. Des. Saul Gusmão 80 - VIII
22641-280 Rio de Janeiro - RJ
E-mail: helioamorim@globo.com

Distribuidora Fato e Razão
Atendimento Assinaturas
Rua S. João, 25 - sobre-loja
24020-040 Niterói - RJ
Tel/fax (21) 2629-7163
E-mail: fatorazao@primyl.com.br

Livraria do MFC
Pedidos de Publicações MFC
Rua Barão de Santa Helena, 68
36010-520 Juiz de Fora - MG
Tel. (32) 3214-2952
E-mail: livraria.mfc@acessa.com

Fotolitos e impressão
Primyl Artes Gráficas
Rua S. João, 25 - slj
24020-040 Niterói - RJ
Tels. (21) 2722-3776 2621-5278
Fax (21) 2722-3777

Capa
Composição com pintura de Victor
Vasarely 1968, aplicada sobre foto.

59

Sumário

A cirurgia, 2 *Editorial*
Lutar por justiça, 4 *Frei Betto*
As raízes do mal, 6 *Patrus Ananias*
Assassinato em Londres, 9
Direito de matar, 10 *Frei Betto*
Patrulhamento, 12 *Helio e Selma Amorim*
O papel da afetividade no cotidiano, 15
Deonira Viganó La Rosa
Ética e células-tronco, 18
Olinto Pegoraro
Paradoxo, 21 *Editorial*
O pecado original, 22 *Helio Amorim*
O neoliberalismo saiu de moda, 24
Mário Soares
Resgatar a dignidade da política, 27 *CNBB*
Gotinha de história no oceano do tempo, 30
Itamar Bonfatti
Não fique tão sério, 33
Família, lugar de humanização, 36
Carlos Ayala Ramírez / D. Oscar Romero
Malas, 40 *Redação*
A carta, 42
Alta tecnologia, 44 ... *apud Millôr Fernandes*
Comungar com a natureza, 47 *Frei Betto*
Como educar meu filho? 50 *Rosely Sayão*
Os humoristas, 53
O ipê e a escola, 54 *Rubem Alves*
Poema, 58 *Beatriz Reis*
Foto, fato e razão, 59
Sucesso e sucesso, 60
Para os pais e para os filhos..., 62
Afonso Romano de Sant'Anna
Resgatar o tempo na liberdade do lazer, 64
Marcelo Barros
Depois não se queixe... 67
Ação de Graças, 69
Expressões populares, 71
Os pais tratam os filhos com justiça? 73
David-Isaacs
Fatos que a mídia não publica, 75
Instituto da Família
O Homem feito de barro e de sopro, 78
Maurílio Nogueira da Silva

Data desta edição: setembro 2005

A CIRURGIA

Editorial

Mais cedo ou mais tarde o tumor ia mesmo estourar. A infecção avançava, silenciosa. Estourou no momento certo, antes que a septicemia se instalasse a ponto de espalhar o veneno por todo o corpo enfermo. Então já seriam inúteis os antibióticos e inevitável a morte precedida de dolorosa agonia na UTI eleitoral.

Uma providencial cirurgia de três mil reais, de pretensão menor, por interesses mesquinhos, revelou mais que um simples furúnculo. Daí em diante, a infecção já bastante avançada apresentou impressionante sucessão de sintomas.

Difícil o diagnóstico por desencontros de informações, por sempre novas manifestações imprevisíveis da doença e divergências insanáveis entre os especialistas da junta médica, observados em suas confusas intervenções inquisitórias por 10 milhões de telespectadores. Uma tribuna privilegiada para a conquista de clientes. Quinze minutos diários de mídia gratuita podem render mais que as cansativas jornadas de conquista

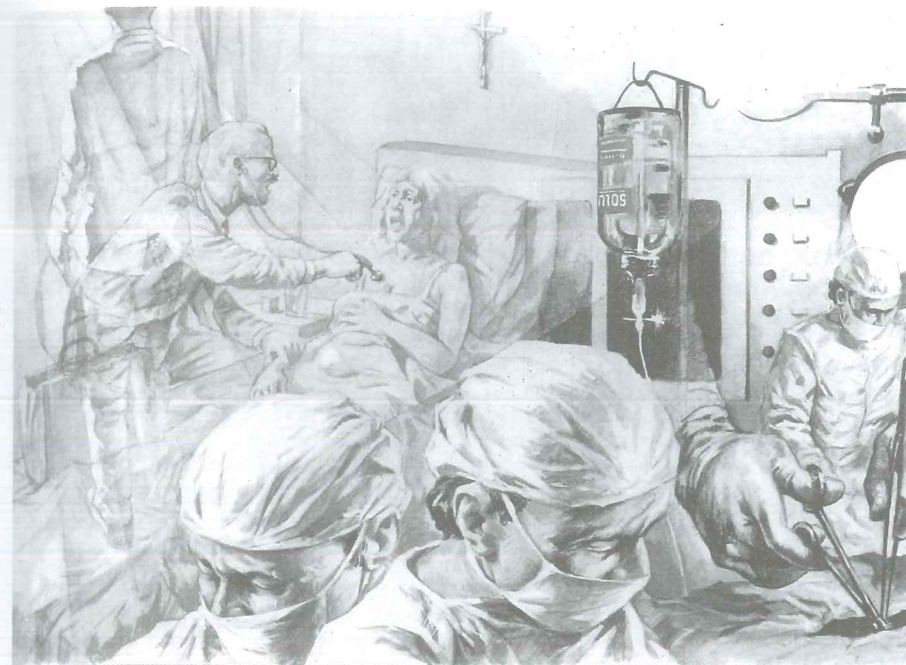
de clientela a que são obrigados a cada quatro anos.

Esgotadas as possibilidades de tratamento medicamentoso, impôs-se a cirurgia, dolorosa, de êxito ainda incerto. Mas a biópsia na primeira intervenção revelou o pior. Tumor maligno, com início de metástases, aparentemente ainda extirpável, mantendo viva a esperança.

Prevista longa convalescença com dieta rigorosa e acurado acompanhamento, com as orações de praxe pela recuperação do enfermo. Que não haja seqüelas insanáveis, pedem 53 milhões de amigos de fé, aferrados à esperança abalada que não quer morrer.

As orações surgem das ruas, já que não se reza muito nos centros cirúrgicos. Tudo indica que é essa a força espiritual que vai restabelecer a saúde do enfermo. Força não levada em conta antes da crise aguda. A cega confiança no aparelho aparentemente saudável para sustentar a maratona levou a um quase esquecimento dessa corrente silenciosa, que permanece fiel, ainda que frustrada em seu sonho vintenário de que outro mundo é possível.

Aqui estamos. Na espera da reação do corpo mutilado por dentro, vivendo a convalescença em isolamento asséptico imposto para evitar contágios perigosos em tempo de baixa resistência imunológica. Até suspeitos de gripe devem ser afastados.



O aparato hospitalar, até então esbanjando poder e segurança para sustentar a caminhada, mostrou-se deficiente e seriamente danificado, sem peças de reposição. Por ora não tem o que oferecer nesse lento processo. A recuperação não mais poderá prescindir da reza das ruas.

O perigo é a fé dos fiéis se esvaír por falta de alimento às suas esperanças de novos rumos, novo norte. Alimentar a fé formada na caminhada e cultivada na vida supõe destravar a agulha da bússola emperrada que aponta na direção torta.

O rumo escolhido na luta, nas praças e palanques, sempre foi outro. Retomá-lo manterá viva a fé que pode dar vida a corpos enfermos, e vida em abundância.

Crise: pelo menos um consenso nacional em torno do óbvio:

1. Todos os culpados de crimes e deslizes éticos devem ser punidos, "doa a quem doer"... porque não tem sido assim.
2. Uma reforma política "de verdade" é inadiável... contra os que não a querem porque poderá expulsá-los do cenário.

Lutar por justiça

(Comungar com a criação divina)

No corpo de Cristo todo o Universo encontra-se resumido. Ele é o ápice da Criação. Por isso, não é só o nosso ser que será salvo. Toda a matéria que constitui o Universo será resgatada pela redenção trazida por Jesus.

Como diz são Paulo, "a Criação, em expectativa, anseia pela revelação dos filhos de Deus" (*Romanos 8,19*). Esse Universo em que vivemos, com suas 100 bilhões de galáxias, é o ventre de Deus, no qual estamos sendo gestados para a vida eterna.

Comungar com a Criação divina é contemplá-la com os olhos de quem vê em todas as coisas os sinais do Criador. Como dizia santo Agostinho, Deus nos ofertou dois livros: a Bíblia e a natureza. O primeiro nos permite compreender o caráter sagrado do segundo. Contudo, temos tratado a natureza como se ela fosse um mero objeto, do qual se deve extrair proveito e lucros. Milhares de espécies vivas desaparecem definitivamente a cada ano. Rios, lagoas e mares estão sendo poluídos. Gastamos perdulariamente os recursos naturais, como a água, como se

fossem inesgotáveis. Ao agir com descaso pela preservação do meio ambiente damos as costas às gerações futuras, que serão vítimas dos desequilíbrios causados hoje.

Se olhássemos a natureza como nossa casa ("oikos", em grego, de onde deriva a palavra ecologia), pleroma ou extensão do corpo de Deus, com certeza teríamos uma atitude mais reverencial a esses bens criados para a nossa felicidade, e não para a ganância de alguns. No caso do Brasil, o bem que mais falta ao nosso povo é a terra. Há cerca de 15 milhões de sem-terra em nosso país. No entanto, 44% das terras produtivas do Brasil estão nas mãos de apenas 1% dos proprietários rurais.

A eucaristia simboliza o acesso de todos à comida e à bebida, aos bens da vida, irmanados em torno da mesma mesa e unidos sob as bênçãos de Deus, nosso Pai. Todas as vezes que uma sociedade exclui desse acesso uma parcela de sua população, caminha na contramão da direção eucarística.

Nega o dom de amor de Deus, em Cristo. Nesse sentido, toda luta por justiça, por direitos humanos, por maior igualdade social, possui um caráter eucarístico. É o próprio corpo de Cristo que é profanado na miséria do pobre ou na



O profundo abismo que cresce entre ricos e pobres em nosso país é uma afronta à justiça e aos direitos humanos. Para os cristãos, é a negação da eucaristia, o sacramento da comunhão e partilha. Portanto um desafio a ações concretas capazes de transformar o modelo econômico e social que produz esse abismo intolerável.

contaminação da natureza. Pois como assinalam os *Atos dos Apóstolos*, "nele vivemos, nos movemos e existimos" (17,28). A Criação é, toda ela, sacramento

divino, coroada pelo ser humano, imagem e semelhança de Deus.

* Frei dominicano. Escritor. Editado por ADITAL.

- ✦ Onde vivemos esse abismo é percebido? A pobreza é visível?
- ✦ O que se está fazendo para reverter esse quadro contrário à vontade de Deus? "Seja feita a vossa vontade, assim na terra como no céu".

Os tristes acontecimentos que dominam a agenda pública no país exigem pleno esclarecimento e punição dos responsáveis, obedecidos os procedimentos legais. Ao mesmo tempo — e não podemos ignorar isso sob pena de sermos cobrados pela História — manifestam os sintomas de uma enfermidade moral muito mais histórica e profunda, exigindo um tratamento a altura, que busque as mais profundas raízes da doença como método para extirpá-la em toda a sua extensão.

AS RAÍZES DO MAL

Patrus Ananias*

O problema constante da corrupção no Brasil está vinculado a três questões históricas: as relações confusas e promíscuas entre os espaços públicos e privados, as desigualdades e injustiças sociais seguramente a maior interpelação ética no passado e no presente da pátria brasileira e, unificando os dois pontos, a impunidade.

Para os poderosos, que vêm a nação como uma extensão dos seus negócios, o crime compensa quando posto na balança de perdas e ganhos. Além da convicção de que, no limite, saberão driblar as cominações legais, acresce a pesada herança das capitânias hereditárias, das sesmarias e do escravagismo.

Os donatários tinham poderes governamentais e ganhos privados sobre as suas capitânias. As sesmarias, origem do latifúndio e do coronelismo, tornaram-se Estados dentro do Estado, uma reminiscência mal formatada do feudalismo tema de longa polêmica na historiografia brasileira. Agravante desse quadro, a

escravidão desqualificava o trabalho e conferia aos escravocratas poderes de vida e morte sobre os escravos que não eram considerados seres humanos e sim bens dos seus donos.

Quanto mais o Estado brasileiro se colocou a serviço dos interesses particulares ou corporativos, quanto mais cresceu o outro problema, o verdadeiro pomo do desacerto nacional: a expansão vergonhosa da pobreza; pior, da miséria e da indigência. Eis o enigma fundamental do nosso país: um dos quatro ou cinco países mais ricos do mundo em termos de recursos e potencialidades disputa a trágica primazia de concentração de renda e desigualdades sociais.

Estamos realizando no governo Lula o mais ousado esforço para reverter esse quadro. Pela primeira vez temos um Ministério voltado única e exclusivamente para os pobres e excluídos, com um orçamento de R\$ 17 bilhões. A questão social sai do campo do assistencialismo e do clientelismo, fatores permanentes de corrupção, para o campo das políticas públicas normatizadas e geridas pelos princípios republicanos. Mas a dívida acumulada é muito alta.

Atravessamos os séculos XIX e XX sem realizarmos uma reforma agrária justa e democrática e sem aplicarmos o princípio da função social da propriedade e do lucro. Não obstante as importantes conquistas sociais depois de 1930, continuou prevalecendo a lógica da concentração impossibilitadora do



projeto nacional que coesione o país em torno de valores éticos e sociais compartilhados: a primazia do bem público e a extensão dos direitos e deveres fundamentais a todos os compatriotas. A miséria aviltante atinge aquele que a sofre e contamina a consciência dos ricos que passam a ver como natural a divisão da nacionalidade e da cidadania em diferentes categorias.

Um cidadão excluído, e no Brasil são tantos milhões, não tem motivos para se comprometer com as grandes causas nacionais, embora muitas vezes o façam a despeito das condições adversas. Mas, concretamente, não há porque uma pessoa que dispute a cada dia o direito a um prato de comida não faça do seu voto um instrumento de troca vinculado à sua sobrevivência e de sua família. Está armado o circuito da corrupção eleitoral: como muitos se elegem por esse método, não é difícil concluir que a eles interessa a preservação desse trágico quadro social.

❖ *Que projeto de Brasil reclamamos dos nossos governos? Prioridades? Que qualidades exigimos dos nossos governantes e parlamentares? De quem depende a escolha?*

Nascemos da terra. Somos nada mais que a terra modificada, misturada com a água, com o ar, com o fogo, como pensavam os filósofos de muitos séculos atrás. Terra, pedaço do meu corpo, meu corpo além da minha pele, seio em que me alimento, e, se ele secar, eu morro. Pois é, são idéias como essa que me vêm à cabeça quando fico ali diante do meu altar, da minha horta, do meu jardim...
(Rubem Alves)

O sentimento de impunidade é uma decorrência desse sistema que se articula ao redor dos que detêm o poder político e econômico; eles tendem a considerar que as instituições existem para protegê-los. Todavia, as pessoas que transcendem os preconceitos haverão de reconhecer que também nesse aspecto o Brasil está mudando; as operações da Polícia Federal e do Ministério Público estão levando para a cadeia dezenas, centenas de empresários fraudulentos e agentes públicos que traíram o mandato do povo. As Comissões Parlamentares de Inquérito, com todos os seus percalços e teatralidades, estão expondo as entranhas do tumor que suga os recursos nacionais. A História poderá reconhecer esse momento como um grande divisor de águas na evolução do Brasil. Certamente o fará se estivermos à altura dos desafios que se colocam diante de nós.

**Ministro do Desenvolvimento Social e Combate à Fome.*

Assassinato em Londres

Imprensa londrina desvenda o episódio criminoso

Os policiais britânicos matam um brasileiro estupidamente, com uma quantidade de tiros na cabeça, no nervosismo paranóico de ver terrorista potencial em cada honesto trabalhador que vai de metrô atender um cliente. A ordem é matar e depois verificar se o morto era mesmo o perigoso suicida que a paranóia imaginou - por causa de uma jaqueta jeans um pouco folgada, onde caberiam algumas bananas de explosivos. Ou porque de forma suspeita se apressou para não perder o trem. Agora revelado: Assassinato!

O Primeiro Ministro pede desculpas mas justifica o assassinato brutal "por culpa dos terroristas" que criaram esse clima neurótico em Londres. Esquece a razão do terrorismo, gerado na matança de dezenas de milhares de iraquianos com o apoio de militares britânicos. E manda cinicamente oferecer uma indenização milionária à pobre família mineira do infeliz brasileiro. Sir Winston Churchill por certo se contorce indignado na tumba britânica em que repousa.

Nem a Scotland Yard, a mais famosa polícia do mundo, será capaz de blindar a Grã-Bretanha do terrorismo que enlutou o país e continua a ameaçá-lo. O FBI tampouco. Por mais que infernize os cidadãos americanos com revistas nervosas em mochilas colegiais não impedirá que em algum ponto do país algum ataque mortífero aconteça. Os italianos não dormem sossegados. Outros países estão na fila de espera. São os que ajudaram a invadir o Iraque e lá se mantêm, alimentando uma matança sem fim.





Direito de matar

Frei Betto*

Você pula cedo da cama, veste-se apressado, sai correndo para o trabalho. Você prometeu à velha dama inglesa que terminaria antes do almoço a revisão completa no sistema de aquecimento da casa. O momento propício é agora, pleno verão europeu. Ela não sabe de onde você veio. Não sabe que veio de uma terra muito mais quente, no Vale do Rio Doce, onde 30 graus à sombra é refresco. Por isso, você tem o costume de vestir a jaqueta. Pode ser que, na volta, a temperatura caia, e você não pode correr o risco de ficar doente, perder dias de trabalho, de seu ofício

depende uma família brasileira no interior de Minas.

De repente, você escuta um estampido seco, a nuca arde como se um tumor afluísse em seus ombros, você tenta entender o que ocorre - tempo suficiente para que, ainda em pé, mais sete tiros lhe atinjam a cabeça. Você tomba morto.

A gentil dama inglesa ficará à espera do técnico que prometeu terminar a revisão do aquecedor. Impaciente, dirá ao fundo vazio de sua xícara de chá, enquanto aperta os dedos na alça de porcelana, que não se pode mesmo confiar nesses estrangeiros, não gostam de trabalhar, basta adiantar-lhes o dinheiro para comprar as peças de reposição e eles nunca mais dão as caras. Aborrecida, cansada de esperá-lo, a velha dama liga a TV, sua companheira de solidão, e vê a notícia do atentado abortado graças à habilidade da polícia britânica. Antes que a bomba amarrada ao corpo fosse detonada, os policiais dispararam oito tiros contra a cabeça do terrorista ainda não identificado. A gentil senhora sente-se aliviada, protegida, malgrado o calote daquele rapaz estrangeiro, com cara de árabe, que não cumpriu a promessa de revisar o sistema de aquecimento.

A cara é de árabe e tem jeito de terrorista. Por que a jaqueta em pleno verão? Foi o que pensou o policial ao ver aquele sujeito correndo em direção ao metrô, trajando agasalho numa manhã tropical em Londres. E o olhar dele

aos seus companheiros de ofício bastou para conferir que os outros dois também farejaram o perigo. E sentiram igualmente o cheiro da vultosa recompensa prometida pelo chefe de polícia a quem evitasse um ataque terrorista. Inglês aquele sujeito não é. Muito menos irlandês ou escocês. Tá na cara, é afegão ou saudita. Se não agirmos rápido, em poucos minutos teremos a estação do metrô explodindo como uma mina atulhada de dinamites e pedaços de corpos espalhados por todos os cantos.

A vida, os sonhos, o amor e o trabalho de Jean Charles de Menezes cessaram à boca do metrô. Sete balas alojadas no cérebro e uma no ombro. Terrorista mata-se pela cabeça. Primeiro, para não detonar os explosivos atados ao corpo. Segundo, para zerar essa mente demoníaca que arquiteta a morte coletiva de inocentes e sacrifica a própria vida por uma causa sem futuro.

Sem futuro, mas não sem passado. O bem-pensar ocidental amestrou-nos a encarar os efeitos sem nos perguntar pelas causas. O que torna Bin Laden e seus asseclas tão abomináveis? Mais do que os métodos criminosos, é não terem em mãos um Estado poderoso. Estivessem sentados na pomposa cadeira de um chefe de Estado, ninguém os acusaria de terroristas.

Fomos treinados a ter horror à ação imprevisível, inesperada, ilegal, que desafia a lógica e

desmoraliza todos os diagnósticos estratégicos. Estivessem eles acomodados num salão oval, dando o sinal verde para que duas bombas atômicas fossem atiradas sobre as pacatas populações de Hiroshima e Nagasaki, ou assinando o decreto que autoriza a CIA a subverter democracias sul-americanas, desencadear a Operação Condor, prender, torturar e matar milhares de jovens idealistas que amam os Beatles e sonham com um mundo mais justo, ninguém diria tratar-se de terrorismo.

Você já ouviu falar em Ahmad Abdullah? É um garoto de al-Qaim, pequena cidade situada a oeste de Bagdá. Ele também saiu correndo pelas ruas. Vinha radiante da escola. Trazia em mãos o boletim de final de curso. Queria mostrá-lo aos pais, havia obtido boas notas, tinha sido aprovado. Uma bala de morteiro disparada por um soldado made in USA interrompeu-lhe os passos. Atingiu-lhe o estômago, o fígado e o pâncreas. Uma rajada de metralhadora fez ondular seus cabelos lisos, pretos, que adquiriram um tom escarlate. E ele tinha apenas dez anos de idade.

Assassinar no Iraque, em Guantánamo, no Afeganistão, não é crime. É legal, não provoca horror, cobre-se com eufemismos que envergonham a liberdade e a democracia. O direito de matar goza da proteção cúmplice de nossa omissão, essa estranha cegueira que nos impede de abominar também o terrorismo de Estado.

* Frei dominicano. Escritor. (ADITAL)

Não sabíamos o quanto somos patrulhados. A nossa intimidade foi liquidada. O "olho" com que éramos ameaçados no futuro anunciado por George Orwell como ficção científica, já está aberto e atento há muito tempo. Registra cada suspiro de cidadão anônimo, na magia da informática e das redes dos satélites espões.

PATRULHAMENTO

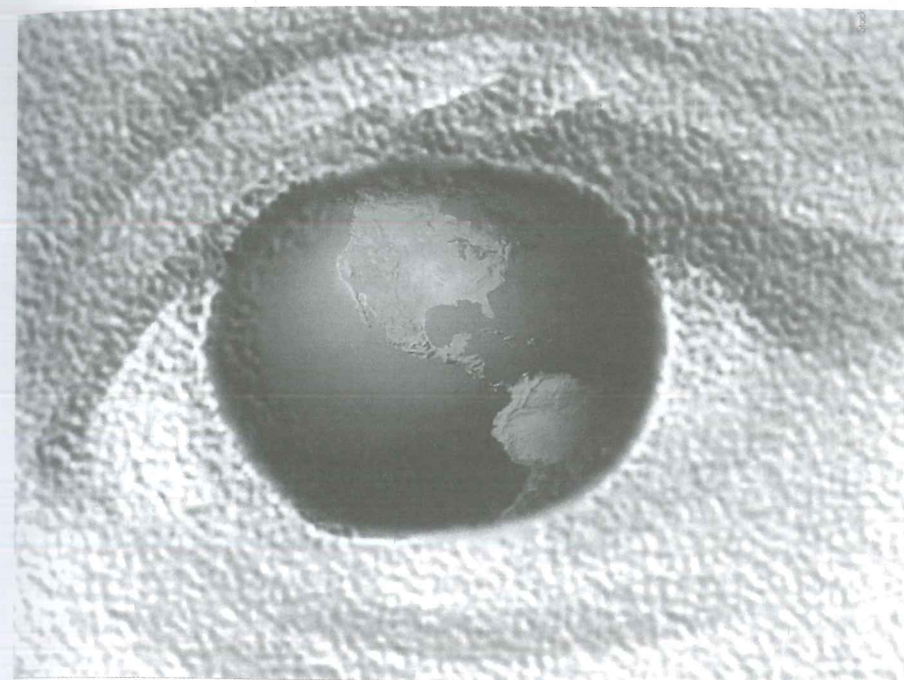
Helio e Selma Amorim*

Nessa barafunda em que meteram o país, o patrulhamento ficou evidente. Sabemos o dia e a hora em que cada personagem dessa tragicomédia foi de mala ao banco ou visitou um cúmplice em qualquer edifício público ou comercial mais equipado. Todos nós estamos nessa rede de controle dos nossos atos. Até a nossa fotografia é registrada por uma micro-câmera que nem nos dá tempo de caprichar na pose. Lá ficarão os registros para toda a eternidade.

As contas bancárias e as chamadas telefônicas são um livro aberto de nossas histórias. O sigilo depende do nosso (bom) comportamento. Também se controlam nossos

hábitos de pagador distraído ou contrário ao pagamento de impostos... Nosso nome estará no SPC, no CADIN, no SERASA ou no SICAF, bancos de dados severos, acessíveis pelos bancos, lojas comerciais, órgãos de governo e assinantes desses gigantescos cadastros.

Os sites de busca na internet registram cada ato, nossos escritos, falas e opiniões. Sua casa está fotografada na mesma tela em que localizamos em *close* o Museu do Louvre, o Big-Ben, o Kremlin ou a chinesa Cidade Proibida. Se não acredita, acesse o site gratuito www.earth.google.com e vá percorrendo com o *mouse* a



fotografia do mundo inteiro sacada por satélites. Passe por Paris, Madri, México, evite a Casa Branca, desça pelo continente, vá chegando ao Brasil e à sua cidade. Chegou? É o momento de ir fazendo o *zoom* que aumenta a escala, até ver os bairros, as ruas, as árvores e... a sua casa. Aumente a escala e localize o seu quintal ou a antena parabólica no seu telhado. No rodapé da tela estará indicada a latitude e a longitude do bouganville do seu jardim, em graus, minutos, segundos e centésimos de segundos.

Com isto, o Senhor das Guerras, sem sair da sua sala oval, pode mandar disparar um míssil comandado por um GPS, regulado

para explodir na latitude e longitude em que está a sua cama, para que você seja eliminado enquanto dorme. São assim os chamados bombardeios cirúrgicos no Iraque (muitos falharam, é verdade... direcionados para alvos militares e destruindo pacatos lares muçulmanos).

Em suma, você não pode esconder-se e escapar. O site Google impressiona. Coloque o seu nome na busca www.google.com. Se você já escreveu algo, se seu nome apareceu em alguma notícia, prepare-se para ficar abismado pelo que sabem da sua vida. Cada computador abriga em seu disco rígido milhares de cartas, mensagens e documentos expedidos e recebidos por você, indicando o dia, hora, minuto e

segundo em que transitaram via satélite. Se alguém põe a mão nesse seu instrumento de trabalho, de memória inacreditável, sua vida é vasculhada e nenhum segredo restará.

Ora, direis... isto é muito bom. Só assim está sendo possível desmascarar todo esse trambique que armaram na política e a Polícia Federal está ativa, na escuta telefônica, desbaratando incontáveis quadrilhas de alvos colarinhos, em operações cinematográficas. Esse é o lado bom desse olho onipresente.

Mas há riscos para os cidadãos de bom comportamento. Torna-se vulnerável a perseguições políticas e ações criminosas. O poder investigativo dessa parafernália eletrônica é incomparavelmente maior que todos os mecanismos criados pelos governos militares, com suas invasões burras de casas de família, seus porões de tortura e suas fichas encardidas, manuscritas em má caligrafia, guardadas em gavetões de aço.

Hoje, bastaria apertar algumas teclas de computador para saber se você participou de greves, partidos ou movimentos "subversivos", se escreveu ou falou o que não agrada ao comando. Bastaria apropriar-se de discos que registraram para sempre seus passos em portarias de edifícios, ou recolher seu computador com a sua vida gravada num HD.

Enfim, acabou-se a sagrada privacidade do cidadão. Sua vida é um livro aberto, para o bem e para o mal.

Nos acontecimentos de mau cheiro, que nestes poucos meses se desocultam nas CPIs com transmissão ao vivo na TV, todos esses recursos investigativos estão sendo utilizados e os mentirosos desmascarados. Cada nova lista ou conta bancária revelada é um estrago medido em megatons.

Também mecanismos antiquados têm sido explosivos: as agendas implacáveis de zelosas secretárias, manuscritas e rabiscadas.

Mas, de repente, surge uma ameaça mais assustadora. Dona Jeanne era fornecedora de alegrias a gente graúda da política e dos negócios de Brasília. E ela tem uma agenda com nomes e datas de sua fina clientela, com indicações dos fornecimentos e locais de entrega. Por isso, confessou que tem medo de ser removida do arquivo vivo. Como não é tola, depositou essa jóia em mãos de seu advogado, com instruções registradas em juízo para divulgação da agenda, se algo lhe acontecer...

Ato final burlesco dessa tragicomédia que machucou o povo brasileiro.

**Membros do MFC, editores de "Fato e Razão"*

O papel da afetividade no cotidiano

Deonira L. Viganó La Rosa*

O alimento afetivo é tão indispensável ao ser humano quanto o são o oxigênio que respira e a água e os nutrientes orgânicos que ingere. A primeira e fundamental função psíquica da família é *prover o alimento afetivo* necessário à sobrevivência emocional dos recém-nascidos.

Esse alimento é também indispensável aos outros membros da família que necessitam prover-se reciprocamente através de mecanismos de interação afetiva. E esse entre os humanos expressa-se especialmente pelo cuidado, pela ternura, pela carícia.

Entretanto, a violência em que estamos mergulhados parece sinalizar que não estamos cumprindo esta função. Ainda exibimos grande entorpecimento em nossas relações com os outros.

Padecemos de um analfabetismo afetivo que nos impede de encontrar chaves para melhorar nossa vida cotidiana. Basta lançar um olhar à família para dar-nos conta do montante de sofrimento que carregamos e constatar que aquela que deveria ser um ninho de amor se converte freqüentemente em um foco de violência. Ricos e pobres, iletrados e pós-graduados, todos acabam igualmente enredados em suas relações afetivas.

Dissociação entre cognição e afetividade

A cultura ocidental dissociou a cognição e a sensibilidade e converteu o mundo em uma máquina produtiva para a qual é pecado grave distrair-se nos encantos da sensibilidade e da ternura. Para ser bem sucedido é imperioso tornar-se insensível e assumir uma máscara estereotipada que não delate nossas emoções nem as nossas dúvidas. E se for um homem aquele que se atreve a falar e expressar afetividade aparece de imediato o fantasma da efeminação.

Frente a uma percepção mediada pelo tato, gosto ou olfato, o Ocidente sempre preferiu a vista e o ouvido, reforçando assim a separação entre a inteligência e a afetividade. A intromissão do gosto, do olfato e do tato é percebida como ameaçadora pelos pais e educadores. O tato, o mais humano dos sentidos, o único que se estende por todo o nosso corpo, não tem lugar garantido dentro dos esquemas pedagógicos: "Fique quieto, escute, olhe, *mas não toque*". Ao excluir o tato do processo pedagógico, nega-se a possibilidade de fomentar uma intimidade e uma aproximação afetiva com os outros.

Mas é bom saber que nem sempre foi assim na história dos povos e que, cada vez mais, esse modelo do Ocidente está sendo assaltado por propostas de saber integrado ao afetivo e aberto às singularidades.

Usuários de drogas e o medo da aproximação afetiva

Em relação aos *usuários de drogas*, pesquisadores afirmam que eles escondem um *grande temor à vivência da ternura* e demonstram *medo do contato íntimo*, o que os leva a buscar na exaltação sensorial das drogas a intensidade que não conseguem tirar do seu contato cotidiano com os outros. Em sua experiência, como diretor de um centro de tratamento para fármaco-dependentes, Luís Carlos Restrepo constatou que o momento mais perigoso para a "recaída" era justamente aquele em que aparecia uma aproximação afetiva. A

aproximação íntima disparava a ansiedade de consumo do adicto, comportamento que acabava por destruir a relação afetiva que havia iniciado. Segundo o investigador, não é apressado afirmar que a dependência química é um fenômeno inversamente proporcional à capacidade de dar e receber ternura, de viver na intimidade e de construir laços amorosos e afetivos com os outros.

Interessante perguntar: Que vínculos afetivos não se fortaleceram, ou se romperam, na infância, adolescência e mesmo na idade adulta dessas pessoas?

A fuga da ternura e a guerra

Só fugindo da ternura um povo pode cair na armadilha da dureza e da guerra. *O guerreiro teme a sensibilidade* porque vê nela um dissolvente da firmeza de seu caráter e da solidez de sua identidade. A paranóica divisão do mundo entre "amigos" e "inimigos", entre "o eixo do bem" e "o eixo do mal", é uma evidente expressão do afastamento da ternura e da rigidez e dogmatismo conceituais. Só um grupo de megalômanos que se encerra na solidão e no delírio e que quer esmagar o mundo com seu êxito e com seu eu, pode trabalhar dia e noite para açambarcar em suas mãos dinheiro e prestígio.

Convém lembrar...

... O que nos resta, depois de muitos anos de formação na escola ou na universidade, de convivência na rua ou na família, não são tanto



conselhos, argumentos e informações, mas a *lembrança do clima afetivo* e interpessoal que pudemos respirar. O que permanece gravado na nossa memória é o manejo autoritário e

frio ou o calor da ternura e da carícia que as pessoas e instituições do entorno puseram em prática a nosso respeito.

... O que nunca esqueceremos dos outros é sua disposição corporal, o clima inter-humano que criaram ao nosso redor. As grandes decisões de nossa vida se alimentam do calor ou da amargura que conseguimos perceber nos climas afetivos que nos cercam desde a infância.

... Para os que estiveram próximos do Jesus histórico, um dos mais impressionantes sinais de sua grandeza estava na capacidade de aproximar-se dos enfermos, crianças e miseráveis, tocando-os, impondo-lhes as mãos, e *sentindo-os com suas vísceras*.

**Terapeuta de Casal e Família. Mestre em Psicologia.
e-mail : jordeon@orion.ufmg.br*

- ❖ *Às vezes nos damos conta que a afetividade anda meio ausente nas relações familiares de nossos amigos. Isso é percebido no nosso círculo de amizades?*
- ❖ *O ambiente social em que vivem as pessoas da família, no trabalho, na escola, influi na qualidade das relações internas das famílias? Por que sim ou por que não?*
- ❖ *Movimentos de Igreja têm se preocupado com o esfriamento das relações afetivas nas famílias? Algo se faz em nossa cidade para melhorar essas relações?*
- ❖ *No caso especial das relações com as pessoas idosas da família, a afetividade é visível e sentida na medida certa?*

- *Quando um amigo morre, leva um pouco da gente.*
- *Às vezes é melhor deixar em fogo lento do que mexer na panela.*
- *Ninguém se conforma de já ter sido.*

(Stanislaw Ponte-Preta, ou Sérgio Porto)

Terapia com células-tronco: tema polêmico que já abordamos na edição anterior e seguiremos estudando sob diferentes ângulos e interpretações éticas e religiosas.

Ética e células-tronco

Dia 2 de março de 2005 é uma data histórica para a ciência, a ética, a medicina e a saúde: por 352 votos contra apenas 60 foi aprovada a lei de biossegurança e da pesquisa com células-tronco embrionárias.

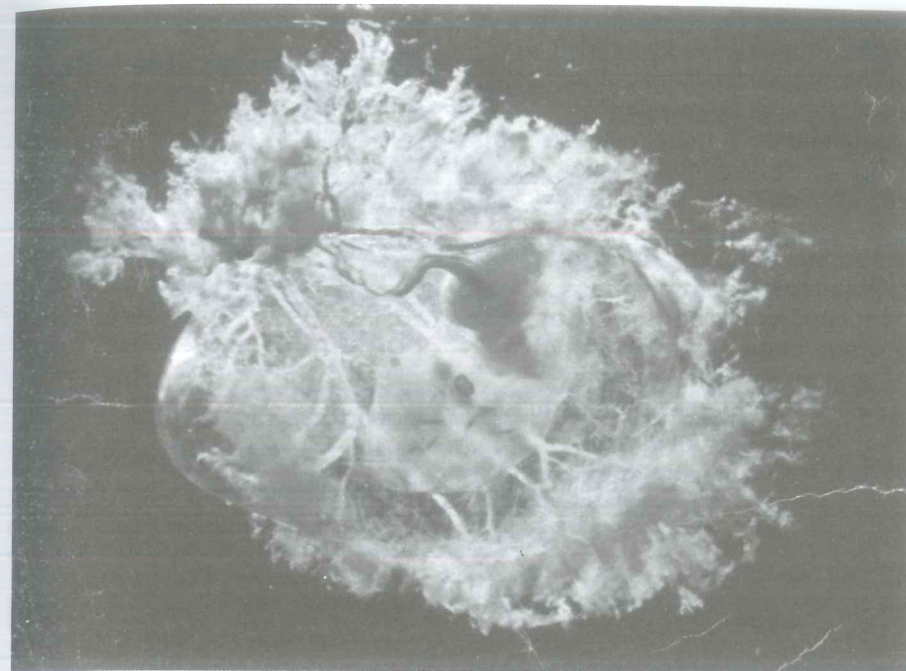
A preferência dos cientistas recai sobre estas por serem pluripotentes, isto é, aptas para produzir quase todos os tecidos do corpo. A lei suscita a esperança de milhares de pacientes que esperam nas filas de transplante de órgãos. Esperança também para os que sofrem de doenças como o mal de Parkinson ou diabetes.

Entretanto, a boa notícia não agradou a grupos religiosos que, por causa de convicções teológicas milenares, rejeitam qualquer pesquisa sobre células embrionárias com o argumento de que "não se pode destruir uma vida para salvar outra".

De um ponto de vista ético colocam-se duas perguntas sobre o estatuto do embrião: primeira, quando começa a vida? E, segunda, quando começa a pessoa? São perguntas fundamentais que se completam sem confundir-se.

A primeira é dirigida à ciência. Muito mais que no passado, os cientistas têm condições de informar sobre quando começa a vida: para uns é no ato da fecundação; para outros, no momento da implantação do embrião no útero; para terceiros, no começo da viabilidade do feto.

Outra teoria sustenta que, nos primeiros quatorze dias de vida, ainda não apareceu o sistema nervoso e que, por isso, a retirada de células-tronco embrionárias não significa destruição da vida. Em todo caso, afirmam, no uso de células embrionárias congeladas num tubo de ensaio não há interrupção da vida porque esta só é possível quando as células forem implantadas no útero. Todas estas informações da ciência são



A lei aprovada recentemente nada tem a ver com qualquer forma de interrupção da gravidez ou aborto, quando sem sombra de dúvidas a vida está formada.

preciosas para responder à segunda questão.

A segunda pergunta (quando começa a pessoa?) é ética. Pessoa é o nome reservado ao ser humano e a Deus. É um conceito criado pelos pensadores gregos e medievais há dois mil anos. Para os antigos, sobretudo os teólogos, a pessoa é constituída no momento da concepção. Por isso, o embrião é sempre intocável, sujeito de todos os direitos humanos de um adulto.

Em geral, esta continua sendo a posição de muitas igrejas cristãs.

Outro é o modo de entender a pessoa pela ética contemporânea. Para a maioria dos eticistas, a pessoa é evolutiva, isto é, vai se constituindo ao longo de toda a nossa existência. Numa bela expressão, o filósofo Sartre diz: "o homem é um projeto; será o que decidir ser". Segundo esta teoria, nós não somos pessoas desde a concepção, vamos sempre acontecendo num processo de relações com os outros.

Partindo deste ponto de vista ético, é mais fácil discutir com cientistas o estatuto das células-tronco embrionárias. Pode-se

perfeitamente fazer estudos sobre células-tronco usando critérios bem definidos pela legislação. Por exemplo, a lei aprovada recentemente permite o estudo sobre células-tronco só depois de três anos de congelamento.

Então, neste ponto, ética e ciência coincidem nas suas concepções, ao contrário dos grupos religiosos que se apóiam na metafísica e na teologia clássicas. Evidentemente, são posições respeitáveis.

** Filósofo e professor, membro do Centro de Estudos Ética e Sociedade da UERJ Universidade do Estado do Rio de Janeiro*

Amar é...

Há muitos anos, quando eu trabalhava como voluntário em um hospital, vim a conhecer uma menininha chamada Liz que sofria de uma terrível e rara doença.

A única chance de recuperação para ela parecia ser através de uma transfusão de sangue do irmão mais velho dela de apenas 5 anos que, milagrosamente tinha sobrevivido à mesma doença e parecia ter, então, desenvolvido anticorpos necessários para combatê-la.

O médico explicou toda a situação para o menino e perguntou, então, se ele aceitava doar o sangue dele para a irmã.

Eu vi ele hesitar um pouco mas depois de uma profunda respiração ele disse: "Tá certo, eu topo já que é para salvá-la....".

À medida que a transfusão foi progredindo, ele estava deitado na cama ao lado da cama da irmã e sorria, assim como nós também, ao ver as bochechas dela voltarem a ter cor.

De repente, o sorriso dele desapareceu e ele empalideceu.

Ele olhou para o médico e perguntou com a voz trêmula: "Eu vou começar a morrer logo, logo?"

Por ser tão pequeno e novo, o menino tinha interpretado mal as palavras do médico pois ele pensou que teria que dar todo o sangue dele e morrer para salvar a irmã!

É certo que hoje cientistas, teólogos e eticistas têm boas razões para abrir um amplo diálogo desde que nenhum grupo venha ao debate com idéias prontas; ninguém detém a verdade com exclusividade. Todos buscamos caminhos de consensos possíveis, sem renunciar às próprias posições científicas, teológicas ou filosóficas.

Uma hipótese provocativa

PARADOXO

Editorial

O Risco Brasil permanece elevado, ainda que o governo esteja honrando seus compromissos com os credores. O da Argentina está pouco acima, embora tendo dado o maior calote da história recente do mercado financeiro mundial. O risco Colômbia, com a guerrilha dominando parte do país, está tecnicamente empatado com o do Brasil.

Por que será praticamente o mesmo o risco de países de comportamentos e situações tão diferentes? Por que não baixa o risco Brasil?

Uma hipótese plausível que certamente scandalizará os economistas ortodoxos: arriscamos afirmar que o risco não baixa por

causa da alta taxa de juros que pagamos generosamente aos nossos credores. A mais alta do mundo. A China, 2ª colocada, paga menos de metade. Os demais países oferecem ainda menos.

Os juros brasileiros altíssimos atraem os investidores ávidos por dinheiro que gostam de viver perigosamente. Os prudentes pensam: "Um país que paga esse juro absurdo vai acabar quebrando e nos dando um calote geral".

Nenhum país consegue escapar da falência pagando essa montanha de dinheiro aos credores. Você emprestaria a alguém que lhe oferecesse o dobro dos juros que cobram os agiotas das nossas esquinas? Assim devem pensar os donos do dinheiro: "Jamais emprestaria a quem me oferece tanta vantagem".

Esse paradoxo dos juros estratosféricos que ao mesmo tempo atraem e espantam os donos do dinheiro lembra outro, de Groucho Marx, o divertido comediante americano dos saudosos filmes dos Irmãos Marx: "Jamais entraria para um clube que me aceitasse como sócio"...

"Se tentou falhar e conseguiu, você descobriu o que é paradoxo."

"Até um imbecil passa por inteligente se ficar calado."

"Meu amigo, não leve a vida tão a sério. Afinal, você não vai sair vivo dela mesmo."

(Autores desconhecidos).

O Pecado Original

Helio Amorim*

Quando Deus criou o mundo e nele colocou a humanidade, explicou aos homens e mulheres, representados por dois interessantes personagens, qual era (e continua sendo) o seu Projeto: o mundo deveria ser um paraíso, com natureza exuberante, total intimidade de todos com o Criador, dialogando com Ele na brisa suave das veredas da vida, assumindo coletivamente a responsabilidade de realizar a Sua vontade.

Poderiam aproveitar dos frutos da natureza para que todos fossem felizes. A condição era assumir de

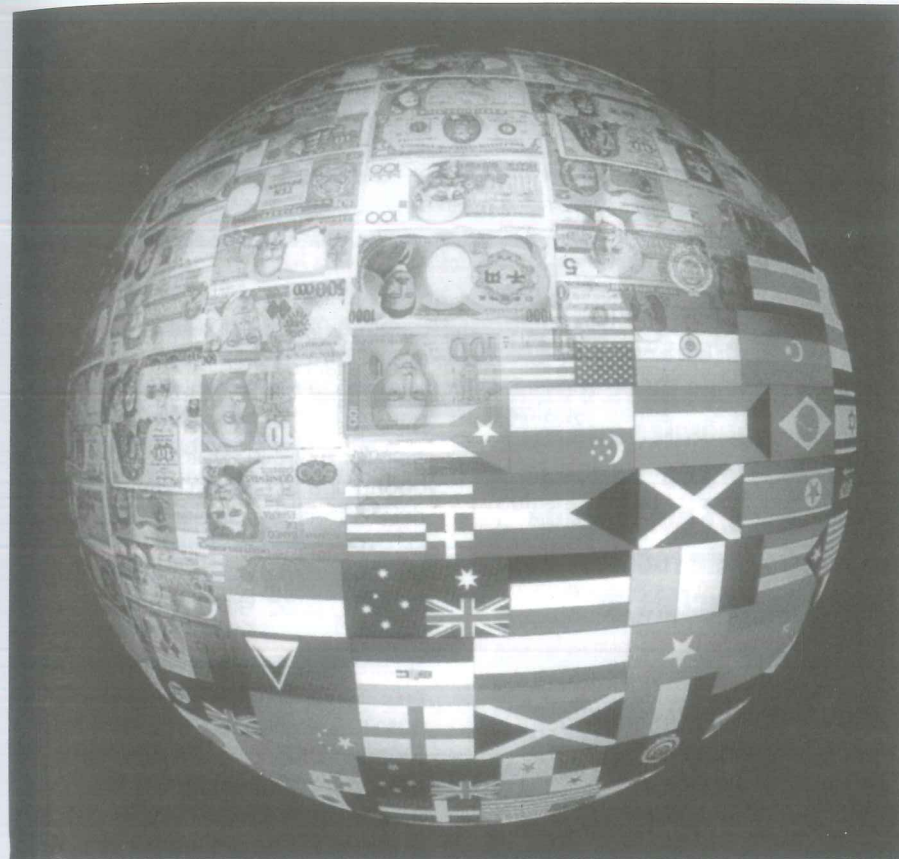
fato o Projeto do único Deus. Não inventar outro projeto e outros deuses, como se conhecessem toda a verdade sobre o bem e o mal.

Mas não resistiram à tentação de romper essa dependência ao Projeto e a um Deus que lhes entregava tudo em abundância, "de bandeja", com norte definido e bússolas precisas.

Então as criaturas, ao longo do tempo, rejeitaram o Projeto e seu Autor. Criaram um monstro que ao longo da história produziu ódios, guerras, sofrimentos e mortes.

O modelo que se foi sofisticando pelas mãos dos poderosos, concentrando renda e gerando miséria por toda parte, chega em nossos tempos como uma religião chamada liberalismo econômico, agora batizada com o apelido de neoliberalismo por ter comprado roupas novas, de acordo com a moda atual.

Tendo sido o Deus da Criação deixado de lado, com o seu Projeto, é eleito o deus mercado para comandar a vida de todos os viventes. Em nosso país, todas as noites o Jornal Nacional informará se o novo deus-mercado está calmo ou nervoso, para orientar os passos de todos ao acordar amanhã. Já se sabe, por exemplo, que em nossa terra ele se mantém tanto mais calmo quanto mais elevados os juros e o superávit primário com que são pagos, não importando o sangue das vítimas derramado em seus altares.



Esse é o pecado original, porque está na origem de todos os males da sociedade: o abismo entre ricos e pobres, a miséria e a fome, nações empobrecidas sem horizontes, num mundo globalizado e comandado pelo dinheiro da ganância e da corrupção.

O cristão é desafiado a mudar esse projeto dos homens e recuperar o Projeto de Deus. O caminho único é o da política em suas mais diversas

instâncias e modelos de participação popular.

É possível mudar. Outro mundo é possível. Outro Brasil mais justo é possível. Depende de cada cidadão, do profetismo dos cristãos comprometidos com o Projeto de Deus e dos não-cristãos igualmente despertados para a luta pela justiça para a humanização plena de todos os homens e mulheres do planeta.

**Editor da revista Fato e Razão, do Movimento Familiar Cristão.*

O neoliberalismo saiu de moda

Mario Soares*

Sustento há algum tempo que o neoliberalismo, tão em moda há poucos anos, é uma doutrina econômica que está dando mostras de esgotamento. É um fato que não foi capaz de resolver os problemas cruciais do mundo atual

Tanto nos Estados Unidos - motor da economia global -, quanto na Europa ou no Japão, e especialmente nos países emergentes, a sacralização do mercado, tal como foi praticada nas décadas finais do século passado, deu no que tinha de dar, afundando o mundo no que o prêmio Nobel de Economia, Joseph Stiglitz, descreve como "a primeira grande crise planetária da globalização".

Na União Européia as consequências foram igualmente desastrosas, com o adendo de que os partidos social-democratas no governo - em 11 dos 15 Estados-membros -, ao não conseguirem aplicar, por incapacidade ou falta de coragem política, as políticas sociais que constavam de seus programas,

se deixaram influenciar pelas teorias neoliberais de inspiração anglo-americana. Desta maneira, em muitos casos acabaram por entregar o poder à direita. Tratou-se de uma oportunidade perdida cuja crítica deve ser assumida e feita com rigor, se estes partidos - que se proclamam de esquerda - aspiram voltar ao poder em novas eleições.

É certo que durante seu governo o presidente Clinton conseguiu um bom resultado econômico nos Estados Unidos, que incluiu uma drástica redução do déficit fiscal. Ele estava convencido - mas, creio que já não está - de que a abertura dos mercados, simplesmente, necessariamente levaria à eficácia e à prosperidade. Recordo que o ouvi dizer que em dez ou quinze anos a globalização terminaria com a pobreza no mundo. Aconteceu o contrário, sobretudo no terceiro mundo, como hoje todos admitem.

De fato, o livre comércio, ao ignorar o papel regulador que cabe ao Estado, leva a injustiças sociais profundas, fecha os olhos sistematicamente diante das exigências ecológicas que hoje são irrecusáveis e, nesta fase do capitalismo especulativo na qual nos encontramos, deu lugar a graves vícios, dos quais são exemplos

pouco edificantes os escândalos da Enron, Vivendi e outros. Por isso Stiglitz considera indispensável estabelecer um "equilíbrio entre o mercado e o Estado, baseado nos valores da Justiça social e na igualdade de oportunidades, e que dê prioridade à criação de empregos".

Trata-se de valorizar a política e o papel do Estado, junto com o direito do cidadão à informação, em relação às exigências da economia. George W. Bush, neoconservador e herdeiro da tradição neoliberal tal como foi interpretada por Ronald Reagan e Margaret Thatcher, viu-se obrigado, em virtude de sua política unilateralista voltada à dominação mundial, a fazer exatamente o oposto do que havia prometido. Deixou crescer o déficit orçamentário até proporções dificilmente controláveis, que só são suportáveis em razão dos enormes investimentos estrangeiros. Estes investimentos ocorrem enquanto a economia norte-americana der garantias de estabilidade.

Entretanto, como os Estados Unidos deixam que o dólar desvalorize, particularmente em relação ao euro, para assim aumentar suas exportações e reduzir as importações, os investimentos externos começam a diminuir, o que representa um perigo claro para a economia norte-americana. Por outro lado, e apesar de apresentar-se como defensor da abertura dos mercados emergentes, Bush se revelou bastante protecionista. Não vacilou em decidir intervenções neo-keynesianas para defender as

indústrias nacionais da aeronáutica, da hotelaria e do turismo, depois do 11 de Setembro. Também impediu a importação de aço e cereais por meio de subsídios concedidos para proteger esses setores da competição estrangeira. Inutilmente a União Européia e os chamados países emergentes protestaram na Conferência da Organização Mundial do Comércio (OMC), em Cancún, contra essas medidas.

Contudo, a reação mais grave partiu do gigante chinês diante das medidas de Bush para frear a importação (invasão) de produtos têxteis. Um alto dirigente chinês (comunista, imagine!), indignado com esse desprazo,



denunciou o escândalo protecionista e afirmou que se tratava do "fim do livre comércio". Não é o mundo ao contrário?

O pior é que os chineses estão efetivamente em condições de desfechar represálias, já que são grandes credores dos Estados Unidos, com alguns milhares de milhões de dólares investidos em bônus do Tesouro e em fundos norte-americanos. Se vendessem, a economia da superpotência sofreria um colapso e com isso arrastaria na crise o capitalismo mundial.

Bush proclamou, depois da invasão do Iraque, que "o mundo agora está muito mais seguro". Vê-se! Só falta agora que, em seu afã para ganhar a reeleição, deixe entregue à sua própria sorte o Iraque caótico e o mundo em uma crise econômica sem precedentes.

Terá razão George Soros - especulador e filantropo - em ter se comprometido a consagrar grande parte de sua fortuna à luta contra a eventual reeleição de Bush.

** Mario Soares foi presidente de Portugal no período 1986-1996*

Palavras de um poeta africano.

*Meus caros irmãos,
Quando nasci eu era negro,
Agora cresci e sou negro,
Quando tomo sol fico negro,
Quando estou com frio fico negro,
Quando tenho medo fico negro,
Quando estou doente fico negro,
Quando morrer ficarei negro.
E você homem branco,
Quando nasce é rosa,
Quando cresce fica branco,
Quando toma sol fica vermelho,
Quando sente frio fica roxo,
Quando sente medo fica verde,
Quando está doente fica amarelo,
Quando morre fica cinza.
E ainda me chama de homem de cor!*

DECLARAÇÃO DA CNBB SOBRE A CRISE POLÍTICA DO BRASIL RESGATAR A DIGNIDADE DA POLÍTICA

Nós, Bispos da Igreja Católica no Brasil, reunidos na 43ª Assembléia Geral da CNBB, de 09 a 17 de agosto de 2005, em Itaici, Indaiatuba, SP, nos preocupamos com a situação do País. Diante das reiteradas denúncias de corrupção nas diferentes instâncias do Poder Público, e face à indignação que elas levantam, conclamamos o povo brasileiro a recuperar a esperança, concretizando-a em compromissos de participação política.

A atual crise está levando o povo ao descrédito da ação política, em contraste com as expectativas de mudanças que haviam sido suscitadas nos últimos anos. É indispensável, por isto, renovar a convicção de que a política é uma forma sublime de praticar a caridade, quando colocada ao serviço da justiça e do bem comum.

O uso de fontes escusas para o financiamento de campanhas eleitorais, o desvio de recursos públicos, a manipulação de empresas estatais em benefício de partidos, e tantas outras denúncias de corrupção que vêm

acontecendo de longa data, e que nos últimos dias emergiram de forma escandalosa, provocam, em todos nós, a indignação ética.

E' preciso buscar as raízes históricas da perversa cultura de corrupção implantada no País. Ela se nutre da impunidade, acobertada pela conivência, que se torna cumplicidade, incentivada por corporativismos históricos, habituados a usar em benefício de interesses particulares as estruturas do poder público.

A indignação ética, que nasce da consciência da violação de valores fundamentais, resulta estéril caso não leve a um maior comprometimento pessoal com ações concretas, em favor do aprimoramento da ordem política. E' indispensável contribuir para uma maior participação popular nas decisões sobre os rumos do nosso País, fortalecendo a prática da democracia, sem omitir-nos ou desistir.

Para que esse compromisso ético com o Brasil seja efetivo, é preciso ter presente a corrupção pessoal e a estrutural.

A corrupção pessoal deve ser investigada, punida inclusive com devolução dos recursos desviados, e também prevenida por meio de maior transparência na administração dos bens públicos. Sua erradicação requer um esforço de conversão pessoal e uma sólida consciência moral, cultivada por uma educação permanente para a cidadania, para a renovação do tecido social da Nação.

A corrupção estrutural convive com o atual sistema político-eleitoral brasileiro, e vem associada à estrutura econômica que acentua e legitima as desigualdades. É urgente uma radical reforma deste sistema.

Este é o clamor mais evidente que emerge em meio a esta crise. Não se pode desperdiçar este momento para realizar uma profunda reforma política, como oportunidade de assegurar a fidelidade partidária; aprimorar os institutos da democracia representativa e



favorecer os institutos da democracia direta, participativa e deliberativa, por meio de referendos, plebiscitos e conselhos, em todos os níveis de decisão, conforme o Art. 14 da Constituição Federal. Urge assegurar a lisura nas campanhas eleitorais pela aplicação mais rápida e severa da lei 9840 contra a corrupção eleitoral.

Apoiamos e incentivamos todo o trabalho de averiguação criteriosa dos fatos, quando fundamentada no direito e no respeito à dignidade da pessoa, levada adiante pela Polícia Federal, pelo Ministério Público, pela Controladoria Geral da União, e pelas diversas Comissões Parlamentares de Inquérito.

Reconhecemos a importância da imprensa para divulgar os fatos, e colocá-los à disposição da cidadania, para aprimoramento da consciência política dos cidadãos. É importante, no entanto, manter o

discernimento, a busca incansável da verdade, sem hipocrisias e sem pré-julgamentos, para formarmos uma opinião pública esclarecida e operante.

Em sintonia com o povo, devemos ter a lucidez e o senso crítico de não somente enxergar a corrupção na administração dos recursos públicos, mas perceber igualmente o grande mal do nosso país, que é sua enorme desigualdade social.

Esta desigualdade é mantida e acentuada por uma política econômica que aumenta a concentração de renda e da riqueza, mediante mecanismos que privilegiam o capital financeiro e frustram políticas públicas mais eficazes e abrangentes.

Os pobres são as maiores vítimas da crise. Ninguém pode roubar-lhes a esperança de justiça e de condições dignas de vida.

A experiência de participação popular na política por meio de movimentos sociais, sindicatos, pastorais sociais, e partidos políticos é uma conquista e um patrimônio histórico do povo brasileiro, que não podem ser perdidos pela ação nefasta de políticos que buscam o poder e vantagens pessoais a qualquer custo.

Associamo-nos, portanto, aos governantes e ao povo brasileiro, para fazer desta crise um momento de purificação política e

de maior comprometimento na ação concreta pela construção de um Brasil justo, solidário, democrático e respeitoso da vida e da ecologia.

Reafirmamos nossa confiança no povo brasileiro, cuja cultura, apesar de alguns aspectos ambíguos, guarda valores de grande significação ética, como a solidariedade, a cordialidade e o senso de justiça. O povo já deu, ao longo da história, muitas provas de energia e capacidade de superar crises. Alicerçados nos valores do Evangelho, proclamamos com todo vigor: não vamos desistir do projeto de construir uma Nação justa, pacífica e democrática.

A Palavra de Deus nos conforta e sempre nos assegura que "a Verdade vos libertará" (Jo 8,32). Nos momentos difíceis, a graça de Deus se manifesta mais. Podemos contar com sua ajuda. Apostamos nas convicções éticas e cristãs do povo brasileiro, capazes de reanimar a todos, na superação dos impasses que a crise atual nos apresenta.

Reanimando-nos mutuamente, vamos todos nos unir ao mutirão por um novo Brasil, conforme a convocação da 4a. Semana Social Brasileira, que neste momento queremos encorajar, "dando as razões da nossa esperança" (1 Pd 3, 15)

Que Deus nos ajude e proteja por intercessão de Nossa Senhora Aparecida.

Uma gotinha de história no oceano do tempo

Itamar Bonfatti*

Enquanto INSTITUIÇÃO a frágil e humana Igreja dos Homens tem atravessado milênios e por isso mesmo sofrendo naturalmente influências dos secula seculorum... como se diz! Seja por falta de oportunidade ou mesmo por nos terem sido negado o conhecimento - afinal o assunto apologética foi durante séculos dos mais estudados pelos teólogos - fato é que ainda desconhece-se um tanto a HISTÓRIA da IGREJA enquanto humana que ela o é. Uma pena! Pincemos neste tempo de séc. XXI alguns dados a respeito do CELIBATO COMPULSÓRIO, conflito que vem se arrastando há milênios.

Claro que dados iniciais aqui citados foram trazidos de um mundinho de época chamado Europa, espaço fechado como se fosse uma concha pelo mar Mediterrâneo, momento aquele quando outros Continentes eram ainda praticamente desconhecidos pelo chamado então mundo da Cristandade, hoje felizmente em agonia após o Concílio Ecumênico Vaticano II.

Tempo era quando tudo estava restrito Geograficamente a tal ponto que

muitos fatos e deliberações de Igreja - imaginemos na época as dificuldades de comunicação, transportes precários pelo mar e outros primitivos ainda por terra- foi um tempo onde tais deliberações aconteciam em CONCÍLIOS REGIONAIS de plenários obviamente bem pequenos...embora geradores de decisões importantes. Vejamos. Nos três primeiros séculos não havia celibato compulsório.

No Concílio de Gangra lá na Ásia Menor houve até censura aos cristãos que não aceitavam os serviços religiosos de sacerdotes casados e ao mesmo tempo- agora comentando tempo de perseguições e martírios- o celibato era encarado por muitos com honra e dever daqueles que se dedicavam ao sacerdócio. Não obstante até o séc. IV eles podiam se casar embora a disciplina do celibato tenha posteriormente tomado rumos diferentes na Igreja Católica do Oriente - onde até hoje os padres podem optar pelo casamento - e a Igreja Católica Romana, cá no Ocidente onde a questão está até hoje fechada sem horizontes de abertura.

A polêmica teve início no ano 306 quando no Concílio de Elvira - um daqueles acontecidos regionalmente na Europa - teve origem a disciplina do celibato compulsório. Sabe-se hoje que muitos Bispos e sacerdotes- uma vez definida a disciplina na época para o celibato obrigatório- abandonaram a família para se dedicar ao ministério. Imagine!

Um dado interessante definido no Concílio de Nicéia, tempo depois (ano 315) no seu cânone 3º padres poderiam conviver com a irmã, com a tia e... até com a mãe! No Sínodo de Tours (ano 567) e no de Auxerre acontecido entre 585-603 ficou definido: os sacerdotes deveriam dormir todos no mesmo quarto do Bispo, autoridade única para "*zelar contra a luxúria*". Muito interessante e quase cômico se não considerarmos aquele contexto!

Século seguinte (ano 1074) no Sínodo de Paris, muitos participantes se negavam obedecer ao Papa Gregório VII que acabou rotulando os transgressores de "*heréticos*" os padres que viviam amasiados. Como se sabe já era comum o concubinato no meio do clero!

Foram necessários mais de mil anos para que se regulamentasse a questão do celibato, fato acontecido somente no Concílio de Trento (1545-1563) quando o Cardeal Carpi disse ser impossível compatibilizar MATRIMÔNIO-VIDA SACERDOTAL. Absolutamente correto... mas naquele contexto!



Aliás, no mesmo Concílio ratificou-se com firmeza o que muito antes Concílio de Latrão II (ano 1139) e o Sínodo de Pisa (ano 1335) - havia se posicionado a respeito da questão, posição ainda em vigor.

Quem sabe neste século XXI voltaremos àquela determinação sábia do Concílio de Ancira (ano 350-360)? Nele ficou definido que os sacerdotes poderiam se casar mas desde que a opção fosse feita antes da sua ordenação. Afinal celibato compulsório - fato pouquíssimo divulgado por ai - é apenas uma entre tantas disciplinas da Igreja, portanto passível de mudança hora para outra desde que numa discussão ampla e se necessário, também universal.

Afinal opção livre e consciente - assumida seja onde e quando for - jamais poderá ser considerada transgressão! Coisa é certa: o celibato é um valor e portanto existirá sempre por se tratar de um CARISMA. Entretanto, enquanto simples exigência disciplinar tal como hoje...espera-se que seja rediscutido entre nós da Igreja, culturalmente ocidental, o mais breve possível tal e qual o foram tantas circunstâncias disciplinares outras em passado longínquo,

distante e mesmo em passado recente.

*Coordenador Nacional do Movimento Familiar Cristão 1981-1986.

Fonte:
BUCKER, Bárbara Pataro. O Feminino na Igreja e o Conflito.
Vozes. Petrópolis, 1996.
HEINEMANN, Uta Ranke. Eunucos pelo Reino de Deus.
Ed. Rosa dos Tempos. Rio, 1996.
JEDIM, Hubert. Concílio Ecumênicos. História e Doutrina.
Ed. Herder.S.Paulo, 1961

Um menino entrou na lanchonete, escolheu uma mesa e sentou. Uma garçonete colocou um copo de água na frente dele. "O que você quer?"
"Quanto custa um sundae?", perguntou.
"Dois reais" - respondeu a garçonete.
O menino puxou as moedas do bolso e começou a contá-las.
"E quanto custa o sorvete simples?", perguntou.
A essa altura, mais pessoas estavam esperando por uma mesa e a garçonete já ia perdendo a paciência.
"Um e cinquenta", respondeu ela, de maneira brusca.
"Eu vou querer, então, o sorvete simples".
A garçonete trouxe o sorvete simples, colocou a conta na mesa e saiu.
O menino acabou o sorvete, pagou a conta no caixa e saiu.
Quando voltou para limpar a mesa, a garçonete viu, do lado do prato, 50 centavos em moedas. Deu um nó na garganta e os olhos ficaram úmidos.
O menino não pediu o sundae porque queria que sobrasse a gorjeta da garçonete.

Fique por dentro: leia e assine Rede
uma análise mensal da conjuntura política, econômica,
social e eclesial - nacional e internacional.

Escrevem Andrea Paes Alberico, Beatriz Lorenzini, Frei Betto, Frei João Xerri, Guilherme Delgado, Helio Amorim, Jether Ramalho, João Whitaker Ferreira, Leonardo Boff, Lilia Azevedo, Marcelo Barros, Marco Antonio, Marieta Sampaio, Moema Miranda, Pastor Edson Almeida, Plínio Arruda Sampaio, Rubem Alves, Selma Amorim, Pe. Virgílio Uchoa.

Basta telefonar para a Rede de Cristãos, dar nome e endereço e receber instruções sobre a forma mais cômoda de pagamento. Tel (0**24) 2242-6433

Não fique tão sério...

No Tribunal

Numa cidade do interior, Plenário de Júri, o Promotor de Justiça chama sua primeira testemunha, uma velhinha de idade bem avançada.

Para começar a construir uma linha de argumentação, o Promotor pergunta à velhinha:

- Dona Genoveva, a senhora me conhece? Sabe quem sou eu e o que faço?

- Claro que eu o conheço, Toinho! Eu o conheci bebê.

E, francamente, você me decepcionou. Você mente, você trai sua mulher, você manipula as pessoas, você espalha boatos e adora fofocas. Você acha que é influente e respeitado na cidade, quando na realidade você é apenas um coitado. Nem sabe que a filha esta grávida, e pelo que sei, nem ela sabe quem é o pai. Ah, se eu o conheço! Claro que o conheço!

O Promotor fica petrificado, incapaz de acreditar no que estava ouvindo. Ele fica mudo, olhando para o Juiz e para os jurados. Sem saber o que fazer, ele aponta para o advogado de defesa e pergunta à velhinha:

- E o advogado de defesa, a senhora o conhece?

A velhinha responde imediatamente:

- O Robertinho? É claro que eu o conheço! Desde criancinha. Eu

cuidava dele para a Marina, a mãe dele, pois sempre que o pai dele saía, a mãe ia pra algum outro compromisso. E ele também me decepcionou. É preguiçoso, puritano, alcoólatra e sempre quer dar lição de moral nos outros sem ter nenhuma para ele. Ele não tem nenhum amigo e ainda conseguiu perder quase todos os processos em que atuou. Além de ser traído pela mulher com o mecânico... com o mecânico!!!

Neste momento, o Juiz pede que a senhora fique em silêncio, chama o promotor e o advogado perto dele, se debruça na bancada e fala baixinho aos dois:

- Se algum de vocês perguntar a esta velha maluca se ela me conhece, vai sair desta sala preso! Fui claro?

Jardim

Um homem de idade vivia sozinho em sua cidade. Ele queria virar a terra de seu jardim para plantar flores, mas era um trabalho muito pesado. Seu único filho, que normalmente o ajudava nesta tarefa, estava na prisão. O homem então escreveu a seguinte carta ao filho, reclamando de seu problema: "Querido Filho, Estou triste porque, ao que parece, não vou poder plantar meu jardim este ano. Detesto não poder fazê-lo porque

sua mãe sempre adorava flores e esta é a época do plantio. Mas eu estou velho demais para cavar a terra. Se você estivesse aqui, eu não teria esse problema, mas sei que você não pode me ajudar com o jardim, pois está na prisão. Com amor, Seu Pai." Pouco depois o pai recebeu o seguinte telegrama:

"Pelo amor de Deus, pai, não escave o jardim! Foi lá que eu escondi os corpos!" Às quatro da manhã do dia seguinte, uma dúzia de Agentes do FBI e policiais apareceram e cavaram o jardim inteiro, sem encontrar nenhum corpo. Confuso, o velho escreveu uma carta para o filho contando o que acontecera. Veio a resposta:

"Agora o senhor pode plantar seu jardim, pai. Isso era o máximo que eu podia fazer no momento."

Fiscalização

O fazendeiro criava algumas vaquinhas.

Foi visitado pelo fiscal do Trabalho que lhe perguntou:

"Como o senhor alimenta suas vacas?"

"Tenho aqui um rapaz que colhe capim nessa mata aqui do lado todo dia e as alimenta no curral" "O moço tem carteira assinada? O senhor paga o INSS?"

Lá veio a multa.

Outro dia apareceu o fiscal do Ibama. Mesmas perguntas, mesmas respostas.

"O senhor pediu licença para colher o capim nessa mata que é reserva florestal?"

"Não meu caro. É só capim que a gente apanha".

"É crime ambiental, senhor".

Mais uma multa...

Nova visita, agora a da Vigilância Sanitária.

"O senhor mandou analisar o capim que dá para as suas vacas? Tem aí o laudo da Vigilância? Não?"

Outra multa.

Apareceu outro fiscal. O fazendeiro nem perguntou fiscal de quê...

"Como o senhor alimenta as suas vacas?"

Já desesperado por tanta multa, ele respondeu.

"Eu lhes dou um vale-refeição e cada uma vai comer onde quer"...

Capetas

Um casal tinha dois filhos, que eram uns capetas. Os pais sabiam que, se houvesse alguma travessura onde moravam, eles com certeza estariam envolvidos. A mãe dos garotos ficou sabendo que o novo padre da cidade tinha tido bastante sucesso em disciplinar crianças.

Então ela pediu a ele que falasse com os meninos. O padre concordou, mas pediu para vê-los separadamente. A mãe então mandou primeiro o filho mais novo, pela manhã.

O padre, um homem alto com uma voz de trovão, sentou o garoto e perguntou-lhe austeramente:

"Onde está Deus?"

O garoto abriu a boca, mas não conseguiu emitir nenhum som. Ficou sentado, com a boca aberta e os olhos arregalados. Então, o

padre repetiu a pergunta num tom ainda mais severo:

"Onde está Deus?"

O garoto não conseguiu emitir nenhuma resposta. Então o padre levantou ainda mais a voz, e com o dedo no rosto do garoto berrou: **"Onde está Deus?!?!?"**

O garoto saiu correndo da igreja diretamente para casa e trancou-se no quarto. Quando o irmão mais velho o encontrou, perguntou:

"O que aconteceu?"

Ainda tentando recuperar o fôlego, ele respondeu:

"Cara, desta vez estamos ferrados. Deus sumiu, e o padre acha que foi a gente!!!"

Polícia!

Eu tenho o sono muito leve, e numa noite dessas notei que havia alguém

andando sorrateiramente no quintal de casa. Levantei em silêncio e fiquei acompanhando os leves ruídos que vinham lá de fora, até ver uma silhueta passando pela janela do banheiro. Como minha casa é muito segura, com grades nas janelas e trancas internas nas portas, não fiquei muito preocupado mas é claro que eu não ia deixar um ladrão ali, espiando tranqüilamente. Liguei baixinho para a polícia informei a situação e o meu endereço.

Perguntaram-me se o ladrão estava armado ou se já estava no interior da casa. Esclareci que não e disseram-me que não havia nenhuma viatura por perto para ajudar, mas que iriam mandar alguém assim que fosse possível. Um minuto depois liguei de novo e disse com a voz calma:

"Olá, eu liguei há pouco porque tinha alguém no meu quintal. Não precisa mais ter pressa. Eu já matei o ladrão com um tiro da escopeta calibre 12, que tenho guardada em casa para estas situações. O tiro fez um estrago danado no cara!" Passados menos de três minutos, estavam na minha rua cinco carros da polícia, um helicóptero, uma unidade do resgate, uma equipe de TV e a turma dos direitos humanos, que não perderiam isso por nada neste mundo. Eles prenderam o ladrão em flagrante, que ficava olhando tudo com cara de assombrado. Talvez ele estivesse pensando que aquela era a casa do Comandante da Polícia. No meio do tumulto, um tenente se aproximou de mim e disse: "Pensei que tivesse dito que tinha matado o ladrão".

Eu respondi:

"Pensei que me tivessem dito que não havia ninguém disponível."

"Viva cada dia como se fosse o último. Um dia você acerta."

FAMÍLIA

lugar de humanização

A família no pensamento
de Mons. Oscar Romero

Carlos Ayala Ramírez *

A função humanizadora da família consiste em ajudar a cada um de seus membros a entender, assumir, desenvolver e viver os valores e elementos que constituem o especificamente humano, em sua dimensão mais positiva e realizante: o amor, o cuidado, a vontade de estar juntos, a compaixão solidária, o respeito à dignidade da pessoa. Desde a perspectiva cristã - historicizada nos conteúdos do Concílio Vaticano II e de Medellín - o humano se cultiva na família na medida em que esta se converte em formadora de pessoas, educadora da fé e promotora do desenvolvimento social. Assim o entendeu e ensinou Monsenhor Romero:

"Não quero impedi-los, queridos irmãos, de conhecer (...) o que os bispos reunidos em Medellín disseram da família porque é necessário que esse Concílio Vaticano que se fez América Latina em Medellín seja conhecido pelas famílias latino-americanas. Medellín fez uma bela síntese ao dizer três frases sobre a família. Na América Latina, a família tem que ser: Formadora de pessoas, educadora da fé, promotora do desenvolvimento" (Homilia, 31 de dezembro de 1978).

Vejamos como eles explicava estas dimensões éticas que fazem da família o que ela deve ser: um lugar de humanização:

A família humaniza amando

A família humana tem que formar pessoas, personalidades, o que, segundo Medellín significa: 'A presença e influência dos modelos distintos e complementares de pai e de mãe (masculino e feminino), o vínculo do afeto mutuo, o clima de confiança, intimidade, respeito e liberdade, o quadro da vida social com uma hierarquia natural, porém matizada por aquele clima, tudo converge para que a família se torne capaz de plasmar personalidades fortes e equilibradas para a sociedade'. Como gostaríamos que os pais de família fossem como José! Como gostaríamos que as mães fossem Maria, e como gostaríamos de filhos como Jesus! Como gostaríamos ter as fortes personalidades de José, Maria e de Jesus que não se dobram diante das adulações ou das ameaças! Que sabem dizer como Jesus que seu plano é fazer a

vontade do Pai. Que são, antes de tudo, valores humanos (Homilia, Ibid.)

A família humaniza transmitindo valores

E quando (Medellín) fala em ser promotora do desenvolvimento: 'a família é escola do mais rico humanismo e o humanismo completo é o desenvolvimento integral. A família, na qual convivem diversas gerações e se ajudam mutuamente para adquirir uma sabedoria mais completa e para saber harmonizar os direitos das pessoas com as demais exigências da vida social, constitui o fundamento da sociedade. Nela os filhos, em um clima de amor, aprendem juntos, com maior facilidade a reta hierarquia das coisas, ao mesmo tempo em que imprimem de modo natural na alma dos adolescentes formas provadas de cultura à medida em que vão crescendo. Aos pais corresponde preparar seus filhos no seio da família... para conhecer o amor de Deus...' Se tudo hoje tem uma função social no mundo, a família é o grande valor. Queridos irmãos, para que tenhamos salvadorenhos que sejam homens, que sejam pessoas, que sejam gente em quem se pode confiar, que sejam verdadeiros homens novos que promovam um mundo novo, que não se deixem levar pelo podre do sistema, que não se deixem dobrar pelas benesses, que não se vendam, que sejam verdadeiramente superiores a



todas as vantagens e reconheçam o verdadeiro valor das pessoas, necessitamos famílias como a de Nazaré. (Homilia, Ibid.).

A família humaniza respeitando e valorizando o outro

Quando o filho obedece, sobretudo quando é grande é bonito; um homem obedecendo a outro homem porque é meu pai, minha mãe. Como soa sagrada essa palavra nos lábios do homem e como soa de autoridade quase divina, o mandato de um homem, talvez um camponês, a seu filho que já é talvez um profissional. É um culto. Ele, profissional, sabe mais do que o pai camponês, no entanto ele sabe que a autoridade que ele tem

vem de Deus. Assim como o pai também sabe que o filho tem uma vida que Deus lhe deu e então há respeito, há um sentido religioso, há um culto (*Homília, Ibid.*).

A família humaniza com a convivência generosa e com o encontro unificador

(A família) fundada pelo Criador. Sabe o homem que é o bom membro da família; o esposo que é fiel à sua esposa e não a trai, que traí-la é quase um sacrilégio porque está traindo uma fidelidade que deve não a uma mulher, mas a Deus. É, então, quando a relação familiar recobra esse belo sentido que menciona o Concílio ao falar sobre a família: 'Fundada pelo Criador, a comunidade conjugal que é comunidade de vida e de amor, nasce diante da sociedade de um ato humano pelo qual os esposos se dão e recebem. Esse é o matrimônio: Dar-se. 'Eu, fulano de tal, me entrego e prometo ser fiel. Eu fulana de tal, te recebo e me entrego'. Entregar-se e receber-se é algo tão santo que somente Deus, autor da vida, pode permitir e bendizer (*Homília, Ibid.*).

A família humaniza abrindo-se ao mistério de Deus

(A família) educadora na fé. É a dimensão eclesial. 'Os esposos cristãos são para si mesmos, para seus filhos e para os demais familiares, cooperadores da graça e testemunhos da fé. São para seus filhos os primeiros

predicadores da fé e os primeiros educadores, e devem inculcar a doutrina cristã e as virtudes evangélicas aos filhos (...) e realizar esta missão mediante a palavra e o exemplo, de tal maneira que graças aos pais que precederão com o exemplo e a oração em família, os filhos e os que vivem no círculo familiar encontrarão mais facilmente o caminho do sentido humano, da salvação e da santidade (*Homília, Ibid.*)

O que seria da família se faltassem estas dimensões éticas?

Quando a família deixa de ser formadora de pessoas (por falta de preparação dos pais, por "falta de tempo", pelo desprestígio de alguns pais, etc.), quando deixa de ser educadora da fé (por falta de evangelização, pelo dualismo de fé e vida, por reduzir a fé ao devocionismo, etc.), quando deixa de ser promotora das virtudes sociais (pelo egoísmo pessoal e familiar, pela violência social, pela assimilação do individualismo, etc.); aumentam os conflitos familiares, a paternidade irresponsável, a violência intrafamiliar, a infidelidade conjugal, a discriminação da mulher, o machismo, a falta de amor, o desrespeito aos direitos humanos da família. Neste sentido, Monsenhor Romero não deixava de lado os problemas concretos da família da forma como aconteciam em seu tempo. Os via com toda sua crueza, porém, sem deixar de ser misericordioso e esperançador

ao enfrentá-los:

*"Quantos casais em conflito!
Quantos esposos adúlteros!
Quantos filhos degenerados!
Quanta juventude perdendo-se no vício, em vez de alimentar-se para o futuro em grandes ideais!
Quantas famílias destroçadas!
Quantas angústias de desaparecidos!
Quanta dor naqueles cadáveres ambulantes das masmorras de nossas prisões, torturados, flagelados horivelmente, injustamente desaparecidos, mortos vivos de nossa própria pátria! Esta é a imagem de um povo ao qual se poderia aproximar Deus (...) e dizer-lhe a Moisés novamente: meu pobre povo salvadoreño, o pobre povo que se separou dos caminhos da fidelidade que eu lhe tracei. E um retorno se impõe, irmãos"* (*Homília, 11 de setembro de 1977*).

Um retorno (volta ao sentido cristão) se impõe, dizia Monsenhor. E outro mártir -o padre Ignacio Ellacuría-, referindo-se ao conteúdo e sentido do "retorno" no âmbito matrimonial, propunha que teríamos de fazer da relação conjugal "o lugar ideal para levar à culminação o amor ao próximo como a si mesmo e, desde este amor, ao amor a Deus sobre todas as coisas". Mas, para que isto seja assim, é necessário fazer da família um lugar propício para a convivência na base do respeito e do diálogo, um lugar propício ao

afeto e ao cuidado de um para com o outro, um lugar de honradez e de compromisso com o que está à nossa volta. É um amor que não termina na porta de sua casa. É um amor que deve projetar-se não somente na pequena família, mas na família humana. Monsenhor Romero o formulou da seguinte maneira:

Ninguém se casa somente para ser felizes os dois. O casal tem uma grande função social, tem que ser tocha que ilumina ao seu redor, os outros casais, caminhos de outras libertações. Casais, caminhos de outras libertações. Homem e mulher têm que sair de casa preparados para promover, também na política, na sociedade, nos caminhos da justiça, as mudanças que são necessárias e que não acontecerão enquanto houver oposição de parte das famílias. Mas será fácil quando desde a intimidade de cada família formem-se meninos e meninas que não pensem somente em ter mais, mas em ser mais; não em agarrar tudo para si, mas dar as mãos cheias aos demais. Devemos educar-nos para o amor. A família não é nada mais do que amar e amar é dar-se, amar é entregar-se ao bem-estar de todos, é trabalhar pela felicidade comum. (*Homília, 7 de outubro de 1979*)

** Diretor da Rádio Ysuca, de El Salvador. Publicado por ADITAL.*

❖ *Podemos afirmar que as famílias as nossas também estão humanizando seus membros a partir de uma convivência realmente amorosa? Todos valorizando os dons e qualidades dos outros?*

❖ *Valores éticos são de fato transmitidos aos filhos pelo exemplo de vida dos pais.*

Malas

Redação

Malas e mais malas. O que passará na cabeça da gente lascada, correndo atrás dos 300 reais do mini-salário, nem sempre ao alcance da mão calejada, vendo as fotos de malas transbordando dinheiro sujo...

Empilhados nas mesas das delegacias, os maços de dinheiro são fotogênicos, atados com cintas elegantes dos bancos de sempre.

A vontade de ter no bolso um só daqueles amarradinhos, de preferência o de notas de 100... Uma inovação surpreende: o que não cabe em mala, vai de cueca - tamanho grande para engolir 100 mil naquelas notas verdes com a cara feia do outro Jefferson, aquele lá dos States.

A Polícia Federal está impossível. Não livra ninguém, leva político e deputado das malas pra cadeia antes de perguntar se têm foro privilegiado ou se tem que pedir licença para prender. Mas o caso do deputado merece atenção especial. É dinheiro extorquido dos pobres, em forma do dízimo que

compra o milagre da cura ou da abundância. Uma empresa altamente lucrativa, que cobra sem dar recibo, isenta de impostos, recebe à vista, em dinheiro vivo, sem qualquer possibilidade de controle dos bolsos de destino dentro e fora do país... pode haver negócio melhor? Uma grande invenção.

No balcão, vendem-se descarregos, milagres, garantia de riqueza para quem dá o que tem e o que não tem na certeza ingênua de que o Senhor restituirá na base de cem por um. Ameaça de perdição a quem esconder o dinheiro que pertence ao Senhor. Venda de ilusões a dez por cento de magros salários. É o crime (bem) organizado contra o bolso do povo, justamente o mais pobre, que abarrotava suas catedrais do atacado e os milhares de varejos espalhados pelos cantos da pátria nossa e de outras pátrias.

O truque genial do inventor: vender produtos invisíveis de altíssimo valor, a preços compatíveis com a renda dos inocentes pobres, com baixo custo operacional, altos lucros, isenção de impostos, risco empresarial nulo. Bastava chamar a empresa de igreja, o comércio de religião e pronto. A Constituição proíbe cobrar impostos e impedir de qualquer modo a prática religiosa.

O varejo se multiplica por se tratar de franquias, como o McDonald's. Qualquer investidor compra uma licença de uso do nome, aprende as técnicas de persuasão com a oferta do céu e a ameaça do inferno.



Um pouco de treinamento para saber usar com argúcia textos bíblicos ora cativantes, ora assustadores, para criar o clima.

Negócio fechado: pagamento da franquia e royalties sobre a arrecadação mensal, dinheiro que vai circular pelos céus, nos cinco jatos da empresa. O varejista é nomeado pastor, abre o

estabelecimento, batiza-o de templo, a marca registrada está na fachada com freguesia cativa, sofrida, ávida do milagre, da riqueza ou do exorcismo prometido. Logo o dinheiro corre a rodo.

Haja malas e lavanderias para o dinheiro sujo que será enviado ao paraíso... Fiscal.

Não é tempo de acabar com essa farra?

Uma jovem holandesa passou dois meses no Brasil. Ao retornar escreveu esta carta aos brasileiros que a hospedaram.

A carta

Parece que é um vício falar mal do Brasil.

Todos os países têm seus pontos positivos e negativos, mas no exterior eles maximizam os positivos, enquanto no Brasil se maximizam os negativos.

Aqui na Holanda, os resultados das eleições demoram horrores porque não há nada automatizado.

Só existe uma companhia telefônica e (pasmem!) se você ligar reclamando do serviço, corre o risco de ter seu telefone temporariamente desconectado.

Nos Estados Unidos e na Europa, ninguém tem o hábito de enrolar o sanduíche em um guardanapo - ou de lavar as mãos - antes de comer.

Nas padarias, feiras e açougues europeus, os atendentes recebem o dinheiro e com mesma mão suja entregam o pão ou a carne.

Em Londres, existe um lugar famosíssimo que vende batatas fritas enroladas em folhas de jornal - e tem fila na porta. Na Europa, não-fumante é minoria. Se pedir mesa de não-fumante, o garçom ri na sua cara, porque não existe. Fumam até em elevador.

Em Paris, os garçons são conhecidos por seu mau humor e grosseria e qualquer garçom de botequim no Brasil podia ir para lá dar aulas de "Como conquistar o Cliente".

Você sabe como as grandes potências fazem para destruir um povo? Impõem suas crenças e cultura. Se você parar para observar, em todo filme dos EUA a bandeira nacional aparece, e geralmente na hora em que estamos emotivos.

Os brasileiros são vítimas de vários crimes contra sua pátria, crenças, cultura, língua, etc... Os brasileiros mais esclarecidos sabem que têm muitas razões para resgatar as raízes culturais.

Os dados são da Antropos Consulting:

1. O Brasil é o país que tem tido maior sucesso no combate à AIDS e outras doenças sexualmente transmissíveis, e vem sendo exemplo mundial.
2. O Brasil é o único país do hemisfério sul que está participando do Projeto Genoma.
3. Numa pesquisa envolvendo 50 cidades de diversos países, a cidade do Rio de Janeiro foi considerada a mais solidária.

4. Nas eleições, o sistema eleitoral (TRE) está informatizado em todas as regiões do Brasil, com resultados em menos de 24 horas depois do início das apurações. O modelo chama a atenção de uma das maiores potências mundiais: os Estados Unidos, onde a apuração dos votos tem que ser refeita várias vezes, atrasando o resultado e colocando em xeque a credibilidade do processo.

5. Mesmo sendo um país em desenvolvimento, os internautas brasileiros representam uma fatia de 40% do mercado na América Latina.

6. No Brasil, há 14 fábricas de veículos instaladas e outras 4 se instalando, enquanto alguns países vizinhos não possuem nenhuma.

7. Das crianças e adolescentes entre 7 a 14 anos, 97,3% estão estudando.

8. O mercado de telefones celulares do Brasil é o segundo do mundo, com 650 mil novas habilitações a cada mês.

9. Na telefonia fixa, o país ocupa a quinta posição em número de linhas instaladas.

10. Das empresas brasileiras, 6.890 possuem certificado de qualidade ISO 9000, maior número entre os países em desenvolvimento. No México, são apenas 300 empresas e 265 na Argentina.

11. O Brasil é o segundo maior mercado de jatos e helicópteros executivos.

O Brasil possui a magia de unir todas as raças, pessoas de todos os credos. Um povo, que sabe entender todos os sotaques. Um país que oferece todos os tipos de climas para contentar toda gente."

Por que esse vício de só falar mal do Brasil?

1. Por que não se orgulhar em dizer que o mercado editorial de livros é maior do que o da Itália, com mais de 50 mil títulos novos a cada ano?
2. Que o Brasil tem o mais moderno sistema bancário do planeta?
3. Que as agências de publicidade ganham os melhores e maiores prêmios mundiais?

4. Por que não se fala que o Brasil é o país mais empreendedor do mundo e que mais de 70% dos brasileiros, pobres e ricos, dedicam considerável parte de seu tempo em trabalhos voluntários?

5. Por que não dizer que o Brasil é hoje a terceira maior democracia do mundo?

6. Que apesar de todas as mazelas, o Congresso está punindo seus próprios membros, o que raramente ocorre em outros países ditos civilizados?

7. Por que não lembrar que o povo brasileiro é um povo hospitaleiro, que se esforça para falar a língua dos turistas, gesticula e não mede esforços para atendê-los bem?

8. Por que não se orgulhar de ser um povo que faz piada da própria desgraça e que enfrenta os desgostos sambando."

Alta tecnologia

(apud Millôr Fernandes, Rio.dez.1999)

Na deixa da virada do milênio, surge um revolucionário conceito de tecnologia de informação, chamado de...

L.I.V.R.O.

(Local de Informações Variadas Reutilizáveis e Ordenadas)

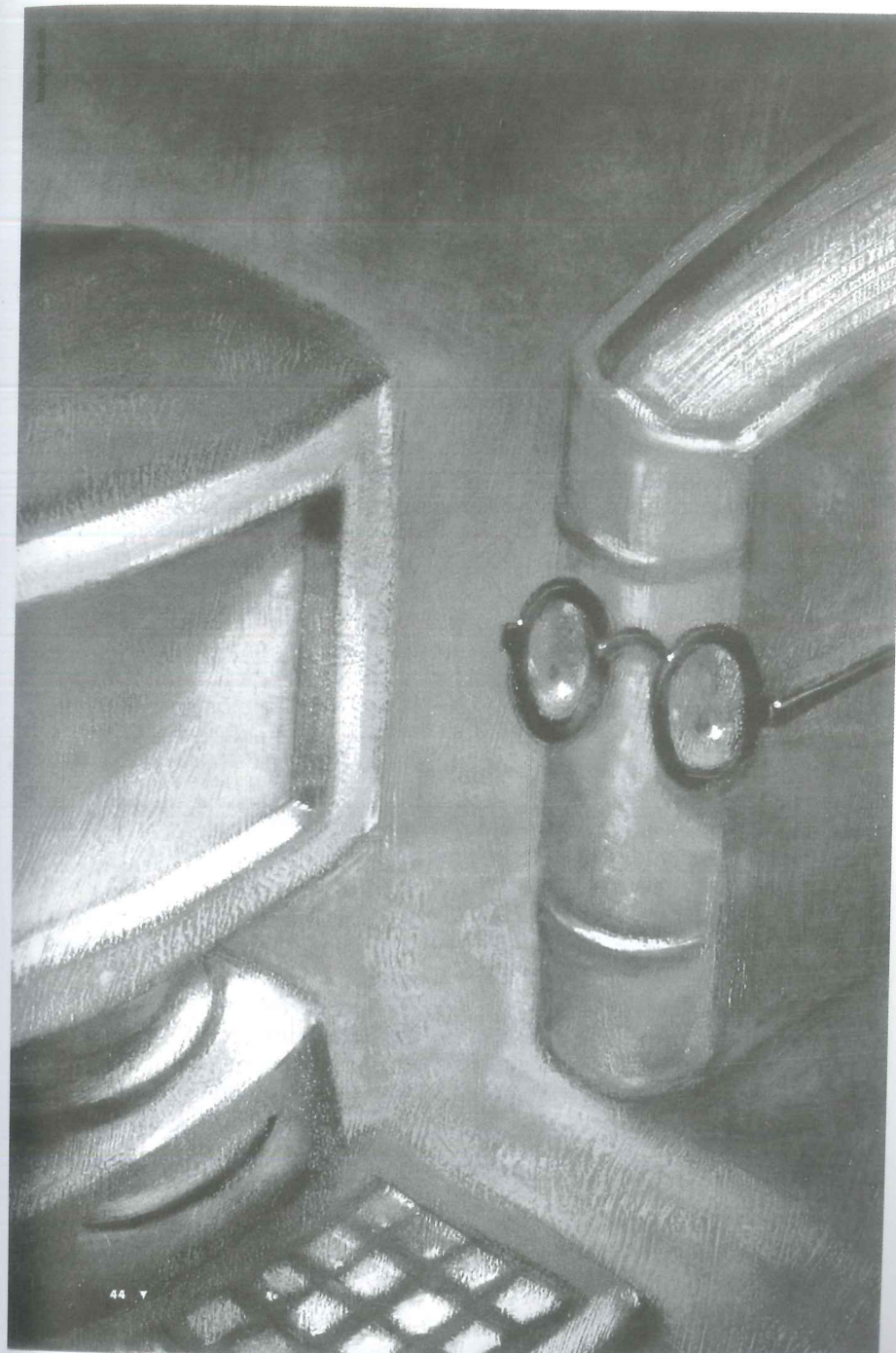
L.I.V.R.O. representa um avanço fantástico na tecnologia de informação. Não tem fios, circuitos elétricos, pilhas. Não necessita ser conectado a nada nem ligado. É tão fácil de usar que até uma criança pode opera-lo. Basta abri-lo!

Cada **L.I.V.R.O.** é formado por uma seqüência de paginas numeradas, feitas de papel reciclável e são capazes de conter milhares de informações. As páginas são unidas por um sistema chamado lombada, que as mantém automaticamente em sua seqüência correta. Através do uso intensivo do recurso **TPA - Tecnologia do Papel Opaco** - permite que os fabricantes usem as duas faces da folha de papel. Isso possibilita duplicar a quantidade de dados inseridos e reduzir os seus custos pela metade!

Especialistas dividem-se quanto aos projetos de expansão da inserção de dados em cada unidade. É que, para se fazer **L.I.V.R.O.s** com mais informações, basta se usar mais páginas. Isso porém os torna mais grossos e mais difíceis de serem

transportados, atraindo críticas dos adeptos da portabilidade do sistema. Cada página do **L.I.V.R.O.** deve ser escaneada oticamente, e as informações transferidas diretamente para a **CPU** do usuário, em seu cérebro. Lembramos que quanto maior e mais complexa a informação a ser transmitida, maior deverá ser a capacidade de processamento do usuário.

Outra vantagem do sistema é que, quando em uso, um simples movimento de dedo permite o acesso instantâneo à próxima pagina. O **L.I.V.R.O.** pode ser rapidamente retomado a qualquer momento, bastando abri-lo. Ele nunca apresenta "**Erro Geral de Proteção**", nem precisa ser reinicializado, embora se torne inutilizável caso caia no mar, por exemplo. O comando "**browse**" permite acessar qualquer pagina instantaneamente e avançar ou retroceder com muita facilidade. A maioria dos modelos à venda já vem com o equipamento "**índice**" instalado, o qual indica a localização



exata de grupos de dados selecionados.

Um acessório opcional, o marca páginas, permite que você acesse o **L.I.V.R.O.** exatamente no local em que o deixou na última utilização mesmo que ele esteja fechado. A compatibilidade dos marcadores de página é total, permitindo que funcionem em qualquer modelo ou marca de **L.I.V.R.O.** sem necessidade de configuração. Além disso, qualquer **L.I.V.R.O.** suporta o uso simultâneo de vários marcadores de página, caso seu usuário deseje manter selecionados vários trechos ao mesmo tempo. A capacidade máxima para uso de marcadores coincide com o número de páginas.

Pode-se ainda personalizar o conteúdo do **L.I.V.R.O.**, através de anotações em suas margens. Para

isso, deve-se utilizar um periférico denominado: **L.A.P.I.S.** (**Linguagem Apagável Portátil de Intercomunicação Simplificada**)

Portátil, durável e barato, o **L.I.V.R.O.** vem sendo apontado como o instrumento de entretenimento e cultura do futuro. Milhares de programadores desse sistema já disponibilizaram vários títulos e *upgrades* utilizando a plataforma **L.I.V.R.O.**

L.I.V.R.O.s a preços módicos (principalmente os usados), mesmo para estudantes, podem ser encontrados em lojas especializadas, popularmente conhecidos como **Sebos**.

Millor Fernandes é o mais importante e festejado humorista brasileiro. Texto escrito em 1999 para aluno ingresso na disciplina Elementos de Siderurgia, Escola de Química/UFRJ)

Colecione, leia, proteja seus livros.

**Leia primeiro
normalmente,
curtindo a dor da
autora.
Depois leia de
baixo para cima.
Pura arte...**

(Este poema é atribuído a Clarice Lispector. Não localizamos a obra em que teria sido publicada).

**Não te amo mais.
Estarei mentando dizendo que
Ainda te quero como sempre
quis.
Tenho certeza que
Nada foi em vão.
Sinto dentro de mim que
Você não significa nada.
Não poderia dizer jamais que
Alimento um grande amor.
Sinto cada vez mais que
Já te esqueci!
E jamais usarei a frase
EU TE AMO!
Sinto, mas tenho que dizer a
verdade
É tarde demais...**

Comungar com a natureza

Frei Betto *

De onde vem a vida humana? O livro do Gênesis, que significa "livro das origens", ou "livro da evolução", narra que Deus criou o mundo em sete dias. Sete, na tradição hebraica, representa "muitos". Os nossos pecados serão perdoados, não apenas sete, mas setenta e sete vezes (Mateus 18,21-22). É uma maneira de ressaltar que a misericórdia de Deus é infinita

A Criação, portanto, foi um processo, assim como o surgimento de uma mangueira. A semente contém a árvore, como a árvore contém a semente. De uma pequena semente de manga brota uma árvore forte, alta e frondosa. Do mesmo modo, Deus criou o Universo. De um "ovo" primordial, que quebrou há 15 bilhões de anos - provocando o Big Bang ou a Grande Explosão - surgiram todos os elementos que formam a matéria do Universo, inclusive nós, seres humanos.

Observe o seu corpo. De que é feito? De células. Trilhões de células. Da fusão de duas células - o espermatozoide e o óvulo - nasce o ser humano, homem ou mulher. Como a semente contém a mangueira em potencial e o ovo, a galinha, inclusive com o seu cacarejar, o feto encerra o ser humano completo - membros e órgãos, inteligência e aptidões. À medida que as células se desenvolvem, o corpo cresce e o cérebro se forma, despertando a consciência

De que são feitas as nossas células? De moléculas. Todo ser vivo - gente, animais, plantas - é feito de células. Todo ser não-vivo - areia, água, terra, pedra - é feito de moléculas. A célula precisa de oxigênio para viver. Na Lua, há pedras, mas não há vida, porque o oxigênio é insuficiente.

De que são feitas as moléculas? De átomos. Tudo que existe no Universo - das estrelas ao nosso corpo, dos colibris às montanhas - é feito de átomos. Átomos são os tijolos da Criação. Na natureza há 92 átomos. Pode-se compará-los às 26 letras do alfabeto. Com essas 26 letras, a palavra de Deus pode ser lida na Bíblia, os jornais divulgam todo tipo de notícia, Guimarães Rosa retratou o espírito de Minas em sua obra. Do mesmo modo, com 92 átomos se faz toda a escrita da natureza, dos peixes aos macacos, da chuva às pedras preciosas.

Portanto, o nosso corpo é feito de células, que são feitas de moléculas, que são feitas de átomos. E onde são feitos os

átomos? Num único forno: o calor das estrelas. Explico: imagine-se uma padaria. Quase tudo ali é feito de uma única matéria-prima - a farinha de trigo. Com ela se fazem pães e bisnagas, bolos e tortas, biscoitos e doces. Do mesmo modo, a farinha de trigo do Universo é o átomo de hidrogênio, o número 1. À medida que ele cozinha no calor das estrelas, muda de "ponto" (se não sabe o que é "ponto" de um molho ou doce, pergunte a uma cozinheira) e assim adquire nova qualidade: o átomo de hidrogênio transforma-se em átomo de hélio, o hélio em lítio, o lítio em oxigênio etc.

Isso significa que todos nós somos feitos de matéria estelar. Trazemos em nosso corpo 15 bilhões de anos da história ou da evolução do Universo. Os átomos de nosso corpo já foram mares e vulcões, águias e serpentes, carvalhos e rosas (experimente olhar uma criança de rua consciente de que ela traz, em si, 15 bilhões de anos!). Toda a Criação está, pois, entrelaçada, formando uma única malha. Tudo que existe, pré-existe e subsiste. Daí falarmos em Universo, e não em Pluriverso. Essa unidade faz o Cosmo - termo grego que significa "belo", e está na raiz da palavra cosmético, aquilo que traz beleza.

De certo modo, o nosso corpo reproduz a geografia do Universo. Ou pelo menos do planeta Terra. Os mesmos elementos químicos que se encontram na Terra acham-se também em nosso corpo. Nosso corpo e a Terra têm a mesma proporção de água: 70%. Como a Terra, nosso corpo possui protuberâncias e grutas, ondulações e sistemas de irrigação, e até matas em forma de pêlos que protegem a fonte da vida.

Somos filhos da Terra. Ela é a nossa mátria. Tem 4,5 bilhões de anos. Nela, a vida surgiu há 3,5 bilhões de anos; e a vida humana, há cerca de 2 milhões de anos. Já reparou que a nossa vida é uma respiração boca-a-boca com a natureza? Do nascimento à morte, jamais deixamos de respirar. Morreríamos se não absorvêssemos o oxigênio que nos é fornecido pelas plantas e algas dos oceanos. Se as florestas forem destruídas e os oceanos, contaminados, a vida na Terra desaparecerá. E quando expiramos, soltamos ar pelas narinas e pela boca, devolvendo gás carbônico à natureza. As plantas e os plânctons nutrem-se de gás carbônico. Eis a respiração boca-a-boca.

Vejamos outra dimensão eucarística da nossa relação com a natureza. Impossível viver sem comida e bebida. Toda a comida é uma vida que morreu para nos dar vida. O arroz que

comemos no almoço é um cereal que morreu para nos dar vida. A carne, um animal que morreu para nos dar vida. O vinho, uma fruta que foi esmagada para alegrar o nosso coração.

No ato de nutrição há um caráter eucarístico. Comer é comungar. O que morreu "ressuscita" em nova qualidade de vida. Agora, a batata é carboidrato em meu organismo, e a carne, proteína. Vivo porque algo morreu para me dar vida. Em suma, viver é um movimento eucarístico.

Nada pior do que comer sozinho. É melhor quando há mais de uma pessoa à mesa (missa rima com mesa; vou à missa, vou à mesa). Pois, ao me alimentar, comungo com outro que também se alimenta. Dou a ele um pouco do meu ser, da minha amizade, das minhas idéias, bem como acolho e me nutro do que ele tem a me dar. Pois o ser humano não se alimenta apenas de bens materiais (verdura, cereal, máquinas, equipamentos). Alimenta-se também de bens simbólicos (religião, arte, amor etc). São os bens materiais que tornam a vida possível como fenômeno biológico. São os bens simbólicos que a tornam bela, plena de sentido. Dizia o escritor cubano Onélio Cardozo que o ser humano tem duas grandes fomes: a de pão e a de beleza; a primeira, é saciável, a segunda, infundável.

** Frei dominicano. Escritor. Fonte: ADITAL.*

fato e razão

ASSINATURA NOVA OU RENOVAÇÃO

Envie para o endereço abaixo cheque de 30 reais*, cruzado, nominal ao Movimento Familiar Cristão, com seu nome e endereço completo, telefone e e-mail. **Se preferir**, deposite esse valor na conta abaixo indicada e confirme a data do depósito por telefone, fax ou e-mail, informando seu nome. **Se for renovação**, informe também qual o último número recebido.

*Preço válido até junho 2006

MFC - Assinaturas Fato e Razão - Primyl Gráfica

Rua São João, 25 Sobre-Loja - CEP 24020-040 Niterói - RJ

Tel/Fax: (21) 2629-7163 - E-mail: fatorazao@primyl.com.br

Se preferir o depósito bancário:

BRADESCO Agência 3176-3 - Conta 414.420 Movimento Familiar Cristão.

Abordando temas que foram objeto de seus artigos na Folha de São Paulo, Rosely Sayão tece uma obra instigante e com reflexões fundamentais para pais e mães. Nos artigos, a autora discute questões que têm inquietado as famílias e aponta caminhos possíveis para a formação de um processo educativo que ajuda a criança e o adolescente a construir sua autonomia, buscar valores e se preparar para a vida em sociedade. Confira, a seguir, alguns pontos enfocados no livro.

“COMO EDUCAR MEU FILHO?”

Rosely Sayão Publifolha, 2000

Ensine seu filho a se valorizar pelo que ele é.

Os filhos são um poço sem fim de demandas: eles querem ter coisas, eles querem fazer coisas, eles querem, eles querem... O resultado é quase sempre o mesmo: os pais acham difícil resistir ao pedido que o filho faz. O problema é que nem sempre é possível atender a todos os pedidos, principalmente quando eles se referem e quase sempre se referem ao consumo. Pois bem: se não se defrontar com esses limites desde cedo, com essas impossibilidades que terá necessariamente que enfrentar no futuro, a criança vai construir uma imagem bastante deturpada de si mesma, de sua relação com os pais e, conseqüentemente, com a vida.

Filhos não podem prescindir do controle dos pais.

A primeira coisa que os pais precisam saber é que conflitos com filhos adolescentes são inevitáveis! Não dá para contorná-los sem abrir mão do papel educativo. Claro que, quando o adolescente se defronta com os limites que os pais dão, ele reage. Cada um a seu modo, com maior ou menor energia e usando este ou aquele recurso. Mas faz parte do papel dos pais suportar essa raiva, esse ódio fulminante que os filhos sentem quando são impedidos de fazer o que querem. Enquanto ele (o filho) não alcança autonomia

para avaliar com responsabilidade o que pode fazer sem correr riscos inutilmente, os pais assumem essa tarefa.

Educação de hoje adia fim da adolescência.

Até um tempo atrás, a adolescência tinha época certa para começar, ou seja, com a puberdade, época das grandes mudanças físicas. E para terminar também: era quando o adolescente, finalmente, assumia total responsabilidade sobre sua vida e tornava-se adulto.

Agora as crianças já começam a se comportar e a sentir-se como adolescentes muito tempo antes de a puberdade manifestar-se e, pelo jeito, continuam se comportando e vivendo assim por muito mais tempo. Qual a parcela de responsabilidade dos adultos e educadores? Pais e professores, quando educam, visam à conquista da autonomia e não podem perder de vista esse objetivo.



Reprimir a criança promove o bem-estar dela.

Muita gente pensa que ensinar a criança a se comportar em locais públicos ou a conter seus impulsos, quando necessário, serve

para promover o bem-estar dos outros. Não. Serve para o bem da própria criança e da comunidade em que ela vive, o que reverte em mais benefícios para ela também. Se as crianças não aprenderem a respeitar as regras da convivência em grupo, no futuro, provavelmente deixarão o carro parado em fila dupla, jogarão lixo pela janela e tomarão outras atitudes de completo descaso com o coletivo.

Atenção, pais, dá para remar contra a maré.

Que a infância tem sido, de vários modos, roubadas de nossas crianças dá para perceber. Basta dar uma olhada um pouco mais cuidadosa no modo de viver delas que logo identificamos o estilo adulto. O fato é que hoje a mãe que quer uma filha vestida como criança tem dificuldade para se virar. Mas será que não é possível hoje que as crianças possam ser crianças? É possível, sim, e o papel dos pais, para tanto, é fundamental. A coisa mais importante na vida da criança continua sendo a brincadeira. E, para isso, ela precisa estar à vontade e ter tempo.

Dar ou não o celular para controlar o filho?

Muitos pais dão o celular ao filho com menos de 12, 13 anos porque assim ficam mais aliviados: podem ter acesso ao filho a qualquer momento e local. Isso significa que são os pais que precisam do celular, e não o filho. E, dessa forma, certamente o resultado não será benéfico na educação para a autonomia. Quer dizer que uma criança não pode ser beneficiada com o uso do celular? Dificilmente, pois é recurso da vida adulta.

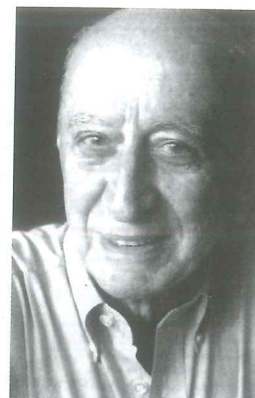
(Destaques preparados pelo Jornal Marista)

- ❖ Quem concorda, quem discorda das teses da autora? Por que? Explique melhor...
- ❖ Quais as dúvidas mais comuns dos pais que pela primeira vez sentem que seu filho já é um adolescente? Como agem geralmente?
- ❖ Como avaliamos esses estilos de lidar com filhos adolescentes?

"Você não pode ensinar nada a um homem; você pode apenas ajudá-lo a encontrar a resposta dentro dele mesmo."

(Atribuído a Galileu Galilei)

OS HUMORISTAS



Millôr Fernandes é o mestre maior do humor inteligente. Curtimos sua crítica impiedosa e divertida aos costumes, aos políticos, às hipocrisias em suas mais variadas formas, sua fina e às vezes grossas ironias, demolidoras quando os desvios de comportamento de gente da corte passam da conta...

Nesta charge, desvenda o mistério das propostas de acordões e pizzas em CPIs: muitos são os que têm telhado de vidro ou... rabos que podem ficar presos se as investigações forem longe demais.



É evidente que o objetivo das CPIs é enrabar todo mundo, isto é, mostrar que todos os parlamentares têm rabo. Mas, como mostra este documento, os parlamentares têm até orgulho em exhibir o seu.

O Manoel Moraes é meu amigo. Engenheiro por diploma, é amante da natureza por vocação. Grande devorador de livros, está sempre à procura de "conspiradores", isto é, pessoas que respiram o mesmo ar que ele. Faz uns dias ele me trouxe um artigo xerografado. Autor: Bruno Bettelheim.

O ipê e a escola

Rubem Alves*

Bettelheim era um homem amável e inteligente. Amava as crianças. Passou a vida pensando no que fazer para tornar as crianças mais felizes. O artigo tem o título "Os livros essenciais da nossa vida". Falou sobre os livros que tiveram um significado especial para ele. Fiquei feliz ao ver que ele citou Martin Buber.

Feliz por saber que nós dois bebemos da mesma fonte. Buber também amava as crianças. Conta-se que, numa festa em que ele estava sendo homenageado, viu-se cercado por professores e filósofos que tentavam impressioná-lo, falando coisas profundas e complicadas. É sempre assim: todo mundo quer impressionar bem. Buber, cansado daquilo tudo, delicadamente interrompeu a conversa com um comentário: "Cada vez eu me sinto mais distante dos adultos e mais próximo das crianças..."

Eu me lembro perfeitamente bem da primeira vez que li Buber. Era de

tarde, deitado numa rede, lá em Minas... À medida em que eu lia a alegria ia tomando conta de mim. Ficava alegre porque as palavras de Buber traziam luz ao meu mundo interior. Naquilo que ele dizia, eu me reconhecia.

O seu livro mais importante é "Eu-Tu". Não seria aceito como tese em nossas universidades. Não tem notas de rodapé. Não cita fontes. Não enuncia teorias. Não explica o método. Curto demais para uma tese. Mas, como sabia Nietzsche, "pensamentos que chegam em pés de pombas guiam o mundo..."

Lendo "Eu-Tu" os meus olhos se abriram. Compreendi aquilo que eu vivia sem compreender. Eu quero contar a vocês o que eu vi.

Aqui o meu pensamento ficou paralisado. Não sabia como contar a vocês o que vi. Resolvi dar uma caminhada. E lá ia eu, absorto em meus pensamentos, quando, de repente, bem à minha frente, uma explosão de cores: a terra

ejaculando flores - flores que estavam escondidas dentro dela! Um ipê rosa florido! Já pensaram nisso? Que as flores são os pensamentos da terra? A terra pensa flores! Dentro dela, as flores ficam guardadas, dormindo, mergulhadas na escuridão. Mas, pela magia de uma árvore, os pensamentos da terra se oferecem aos nossos olhos sob a forma de flores! Dentro da terra estão todas as flores do mundo, à espera de árvores... A terra sonha ipês! As árvores são os psicanalistas da terra!

Aí descobri um jeito de explicar Martin Buber... Aquilo que aconteceu, aconteceu comigo. Só comigo. Tive vontade de abraçar aquela árvore, de comer as suas flores. Fiquei agradecido por ser a natureza coisa tão maravilhosa, sagrada! Mas sei que muitas pessoas já haviam passado, estavam passando e irão passar por aquele ipê sem se assombrar. Para elas aquele ipê é apenas um objeto a mais, ao lado de postes, casas e carros.

Já contei de uma mulher que odiava um manso e maravilhoso ipê amarelo que havia à frente de sua casa. Ela odiava o ipê porque suas flores sujavam o chão! Chão de ouro, coberto de flores amarelas, flores que deveriam ficar lá! Seria necessário tirar os sapatos dos pés para andar sobre elas! Mas aquela mulher não via com os olhos. Via com a vassoura. E uma vassoura dá sempre a mesma ordem varrer, varrer! Tudo o que pode ser varrido é lixo! E



ela, para se livrar do trabalho, envenenou o manso ipê. O ipê morreu. Não mais suja a calçada da mulher.

Agora explico Buber. Para Buber as coisas, as árvores, os bichos, as pessoas, não são coisas, árvores, bichos e pessoas, nelas mesmas. Elas são a partir da relação que estabelecemos com elas. Para a mulher da vassoura o ipê amarelo era um objeto inerte, sem mistério. Ela podia fazer com ele o que quisesse. Mas para mim os ipês são um assombro, beleza, alegria, revelação do mistério do universo.

Há um tipo de relação que transforma tudo em objetos mortos. Uma mulher se transforma em

objeto para o homem que faz uso dela para ter prazer. Um homem se transforma em objeto para a mulher que o usa para obter status ou segurança. Uma criança se transforma em objeto quando seus pais a manipulam para realizar os seus sonhos. Para um professor que só pensa no cumprimento do programa todos os seus alunos são objetos.

Para quem está atrás de milagres Deus é um objeto que faz milagres. O eleitor é um objeto que o político usa para ganhar poder. Um doente, para o médico, pode ser apenas um "portador de uma doença". (Ah! Os professores e alunos, à volta de um doente sobre quem nada sabem, nem mesmo o nome, numa enfermaria de hospital! Ali não está um ser humano! Ali está um "caso" interessante...). Buber deu a esse tipo de relação o nome de "eu-isso". Tocadas pela relação eu-isso todas as coisas, pessoas, animais, árvores, Deus, se transformam em coisas que uso para atingir os meus propósitos. Eu sou o centro do mundo. Tudo o que me cerca são utensílios que uso para os meus propósitos.

Quando, ao contrário, meus olhos estão abertos para o assombro e o mistério das coisas que me rodeiam, eu refreio minha mão. Não posso usá-los como se fossem ferramentas para os meus propósitos. São meus companheiros - não importa se um ipê florido, um cãozinho, um poema, uma criança que quer me vender um drops no semáforo... Buber deu o nome de eu-tu a essa relação.

Já falei que as nossas escolas são planejadas à semelhança das linhas de montagem: as crianças são "objetos" a serem "formados" segundo normas que lhe são exteriores. Ao final, formadas, são objetos portadores de saberes, centenas, milhares, todos iguais. Pertencem ao mundo do eu-isso. Na relação eu-tu cada criança é única - por ser uma companheira na minha vida, companheira que nunca se repetirá, nunca haverá uma igual.

No mundo do "eu-isso" se usa o poder porque o que desejo é manipular o objeto. No mundo do "eu-tu" o poder nunca é usado porque o que desejo é acolher, dentro de mim, o objeto à minha frente.

Escrevi tudo isso porque tenho estado pensando na magia da Escola da Ponte. Qual o seu segredo? Sua magia se encontrará, por acaso, nos seus princípios pedagógicos? Não. Definitivamente não. Princípios, quaisquer que sejam, são normas gerais. Por isso eles pertencem ao mundo do eu-isso.

Se tentássemos reduplicar a Escola da Ponte usando os mesmos princípios pedagógicos como receitas, apenas conseguiríamos construir uma linha de montagem mais gentil e, talvez, mais eficiente.. Me parece que o segredo da Escola da Ponte se encontra em outro lugar. Ele se encontra no mesmo lugar do ipê florido: o absoluto abandono do uso do poder e da manipulação. Imaginem uma escola

onde não há um diretor. Todos os professores são diretores. Pela simples razão de não haver quem tome as decisões finais; onde "diretores" não ousam e nem querem usar do poder para fazer valer suas idéias. Onde as decisões são todas compartilhadas. Onde os professores não valem mais que as crianças. Onde os professores não dão ordens e as crianças obedecem. Sabedoria, disse Roland Barthes, é "nada de poder, uma pitada de saber e o máximo possível de sabor..."

Qual a receita? Não há receitas. Não há receitas para fazer o ipê florir. Não sei como o ipê floresce e nem por que alguns têm flores rosa, outros flores amarelas e outros flores brancas. Certo estava Angelus Silésius: "A rosa não tem por quê; ela floresce porque floresce." Assim é Escola da Ponte.

**Escritor, psicanalista, teólogo.*

DICAS DO AUTOR

A coisa mais importante para se fazer nesse domingo: ver os ipês floridos! Mas, por favor: não olhe para eles de dentro do carro. Saia. Fique debaixo deles e olhe para cima. Se o céu estiver azul você verá aquelas bolas de flores rosa contra o azul do céu. Você já ensinou seu filho a ver? Pois trate de ensinar. Mostre a árvore de longe. Mostre de perto. Mostre uma flor. Explique a sua simetria: pentagonal.... Olhando para as flores se aprende matemática, se aprende a pensar abstratamente...

A propósito, esse poema de Emily Dickinson (1830-86): "Alguns guardam o Domingo indo à Igreja - / Eu o guardo ficando em casa - / Tendo um Sabiá como cantor - / E um Pomar por Santuário. / - Alguns guardam o Domingo em vestes brancas - / Mas eu só uso minhas Asas - / E ao invés do repicar dos sinos na Igreja - / Nosso pássaro canta na palmeira. / - É Deus que está pregando, pregador admirável - / E o seu sermão é sempre curto. / Assim, ao invés de chegar ao Céu, só no final - / eu o encontro o tempo todo no quintal."

"Deus é assunto delicado de pensar; faz conta de um ovo: se apertamos com força parte-se; se não seguramos bem cai." (Dito do avô Celestino).

Você tem direitos e não sabe

Qualquer pessoa que sofra de paralisia, câncer, lepra, AIDS e uma série de outras doenças incapacitantes, seja total, seja parcialmente, tem direitos a isenções de impostos, taxas, desconto no preço para compra de carros adaptados, passe livre em metrô e transporte coletivo, remédios gratuitos e outros benefícios.

Entre os direitos que podem ser requeridos estão:

- Aposentadoria integral (mesmo sem contar com o tempo necessário de contribuição ao INSS);
- Isenções de IR, CPMF, Contribuição Previdenciária, etc.;
- Se houver deficiência física: isenção de IPI, ICMS, IOF e IPVA (isenção vitalícia de IPVA) na compra de carro especial, ou "adaptado". O preço do carro, nesses casos, cai em 30%. (trinta por cento);
- Direito ao saque total de FGTS e fundos PIS ou PASEP;
- Direito da quitação de valor financiado (anterior à doença) para compra de imóvel;
- Atendimento médico domiciliar;
- Remédios gratuitos; etc.

Poema

Beatriz Reis

*As migalhas da mesa do Senhor
nos levam a recusar os manjares
dos ricos.*

*As migalhas da mesa do Senhor
estancam a sede dos que morrem
no deserto.*

*As migalhas da mesa do Senhor
são mais belas do que todas as
realidades terrestres.*

*Pelas migalhas da mesa do Senhor
permanecerei imóvel, pelos
séculos dos séculos.*

*Pelas migalhas da mesa do Senhor
vencerei montanhas e colinas,
mergulharei em todas as trevas
conhecerei o fundo do mar.*

*E as fontes se abrirão
e os olhos de todos, maravilhados,
em torrentes de água se tornarão
diante das migalhas da mesa do Senhor!*



Hadi Mizban/AP

Madi Mizban, da Agência AP, fotografa sobrevivente da tragédia de 31 de agosto de 2005, em Bagdá. O iraquiano chora ao reconhecer o corpo do irmão, um dos mil mortos do incidente.

fato

Uma multidão de peregrinos xiitas seguia a pé para uma mesquita de Bagdá, num ato religioso muçulmano de veneração a um ímã respeitado por esse grupo. Homens, mulheres e crianças, muitos idosos nessa gigantesca procissão. De repente foi plantado um boato: "há entre nós um terrorista sunita com explosivos". Começou a correria e instalou-se o pânico. Pessoas foram pisadas pela multidão apavorada. As grades de proteção da ponte sobre o rio Tigre não resistiram à pressão dos fugitivos do terror. Centenas caíram no rio e se afogaram. Mais de mil mortos e quinhentos feridos.

razão

O Iraque é um país artificialmente criado pelos colonizadores europeus, que desconheciam o fato de existirem dentro das fronteiras arbitrárias três grandes grupos étnicos-religiosos: xiitas, no sul, sunitas, no centro, e curdos, ao norte. A convivência é historicamente conflitiva mas um modus vivendi se foi estabelecendo ao longo de décadas, construindo um equilíbrio instável mas menos sangrento. A desastrosa invasão motivada pelo domínio das ricas jazidas de petróleo do Iraque rompeu esse equilíbrio, reacendendo a guerra interna entre aqueles grupos. Sucedem-se atos terroristas que mantêm a população em permanente estresse, dominada pelo medo. Um simples boato sobre bombas merece crédito e gera pânico.

SUCESSO

2002

Os seres humanos, de modo geral, estão sempre muito preocupados em alcançar o sucesso.

O mundo convencionou que sucesso é o triunfo nos negócios, nas profissões, nas posições sociais, com destaque da personalidade, aplausos e honrarias. Causam impacto as pessoas que desfilam no carro do poder. Despertam inveja a juventude elegante, a beleza física, os jogos do prazer imediato.

Produzem emoções fortes as conquistas dos lugares de relevo e projeção na política, na sociedade. Inspiram mágoas aqueles que parecem triunfar na glória e êxito terrestres...

Esse sucesso, porém, é de efêmera duração. Todos passam pelo rio do tempo e transformam-se.

Risos se convertem em lágrimas... Primazias cedem lugar ao abandono... Bajulações são substituídas pelo desprezo... Beleza e juventude são alteradas pelos sinais da dor, do desgaste e do envelhecimento.

O indivíduo que luta pela projeção exterior, sofre solidão, vazio, frustrações e tédio. Aquele tido pela sociedade como uma pessoa de

sucesso não é, necessariamente, uma pessoa feliz.

Todavia, muitos perseguem esse sucesso com sofreguidão, e para mantê-lo desgastam-se emocionalmente, inspiram ódios, guerras surdas ou declaradas, acumulam desgostos.

Entretanto, há outro sucesso efetivo e duradouro que os homens têm esquecido: é a vitória sobre si mesmo e sobre as paixões primitivas.

Dessa conquista ninguém toma conhecimento. Mas a pessoa que a busca, sente-se vencedora por dominar-se a si mesma, alterando o temperamento, as emoções degradantes, e sente a paz disso decorrente.

O indivíduo que experimenta o sucesso interno torna-se gentil, afável, irradiando bondade, e conquista em profundidade, aqueles que dele se acercam.

Quando, no entanto, é externo esse triunfo, a pessoa torna-se ruidosa, impondo preocupação para manter o status, chamar a atenção, atrair os refletores da fama.

mesmo acentua a harmonia e aumenta a alegria do ser, que se candidata a contribuir em favor do grupo social mais equilibrado e feliz, levando o indivíduo a doar-se.

O sucesso de Júlio César, conquistador do mundo, entrando em Roma em carro dourado e sob aplausos da multidão, não o isentou do punhal de Brutus nas escadarias do senado.

O sucesso de Nero, suas conquistas e vilezas, não o impediram da morte infamante a que se entregou desesperado.

O sucesso de Hitler, em batalhas cruéis nos campos da Europa e da África, não alterou a sua covardia moral, que o conduziu ao suicídio vergonhoso.

O sucesso, porém, de Gandhi, fê-lo enfrentar a morte proferindo o nome de Deus. O sucesso de Pasteur auxiliou-o a aceitar a tuberculose com serenidade.

O sucesso dos mártires, dos cientistas e pensadores, dos artistas e cidadãos que amaram, ofereceu-lhes resistência para suportarem afrontas



O sucesso de Gandhi, fê-lo enfrentar a morte proferindo o nome de Deus.

e crueldades com espírito de abnegação, de coragem e de fé. Sem que nos alienemos do mundo, ou abandonemos a luta do convívio social, busquemos o sucesso - a vida correta, os valores de manutenção do lar e da família, o brilho da inteligência, da arte e do amor - e descobriremos que, nesse afã, teremos tempo e motivo para o outro sucesso, o de natureza interior.

Para os pais...

... e para os filhos que um dia serão pais

Texto de Affonso Romano de Sant'Anna

Há um período em que os pais vão ficando órfãos dos seus próprios filhos. É que as crianças crescem independentes de nós, como árvores tagarelas e pássaros estabanados. Crescem sem pedir licença à vida. Crescem com uma estridência alegre e, às vezes, com alardeada arrogância.

Mas não crescem todos os dias de igual maneira. Crescem de repente.

Um dia sentam-se perto de você no terraço e dizem uma frase com tal maturidade que você sente que não pode mais trocar as fraldas daquela criatura.

Onde é que andou crescendo aquela danadinha que você não percebeu? Cadê a pазinha de brincar na areia, as festinhas de aniversário com palhaços e o primeiro uniforme do Maternal?

A criança está crescendo num ritual de obediência orgânica e desobediência civil. E você está agora ali, na porta da discoteca, esperando que ela não apenas cresça, mas apareça! Ali estão muitos pais ao volante, esperando

que eles saiam esfuziantes sobre patins e cabelos longos, soltos. Entre hambúrgueres e refrigerantes nas esquinas, lá estão nossos filhos com o uniforme de sua geração: incômodas mochilas da moda nos ombros.

Ali estamos, com os cabelos esbranquiçados. Esses são os filhos que conseguimos gerar e amar, apesar dos golpes dos ventos, das colheitas, das notícias, e da ditadura das horas. E eles crescem meio amestrados, observando e aprendendo com nossos acertos e erros. Principalmente com os erros que esperamos que não repitam.

Há um período em que os pais vão ficando um pouco órfãos dos próprios filhos. Não mais os pegaremos nas portas das discotecas e das festas. Passou o tempo do balé, do inglês, da natação e do judô. Saíram do banco de trás e passaram para o volante de suas próprias vidas.

Deveríamos ter ido mais à cama deles ao anoitecer para ouvir sua alma respirando conversas e confidências entre os lençóis da infância, e os adolescentes

cobertores daquele quarto cheio de adesivos, pôsteres, agendas coloridas e discos ensurdecedores.

Não os levamos suficientemente ao Playcenter, ao Shopping, não lhes demos suficientes hambúrgueres e cocas, não lhes compramos todos os sorvetes e roupas que gostaríamos de ter comprado. Eles cresceram sem que esgotássemos neles todo o nosso afeto.

No princípio subiam a serra ou iam à casa de praia entre embrulhos, bolachas, engarrafamentos, natais, páscoas, piscina e amiguinhos. Sim, havia as brigas dentro do carro, a disputa pela janela, os pedidos de chicletes e cantorias sem fim.

Depois chegou o tempo em que viajar com os pais começou a ser um esforço, um sofrimento, pois era impossível deixar a turma e os primeiros namorados. Os pais ficaram exilados dos filhos. Tinham a solidão que sempre desejaram, mas, de repente, morriam de saudades daquelas "pestes".

Chega o momento em que só nos resta ficar de longe torcendo e rezando muito (nessa hora, se a gente tinha desaprendido, reaprende a rezar) para que eles acertem nas escolhas em busca de felicidade. E que a conquistem do modo mais completo possível. O jeito é esperar: qualquer hora podem nos dar netos.



O neto é a hora do carinho ocioso e estocado, não exercido nos próprios filhos e que não pode morrer conosco. Por isso os avós são tão desmesurados e distribuem tão incontrolável carinho.

Os netos são a última oportunidade de reeditar o nosso afeto. Por isso é necessário fazer alguma coisa a mais, antes que eles cresçam. Aprendemos a ser filhos depois que somos pais. Só aprendemos a ser pais depois que somos avós...

Uma das angústias mais frequentes do homem de hoje é como administrar o tempo. Se o dia tivesse mais de 24 horas, ainda seriam poucas para o tanto que as pessoas querem fazer.

Resgatar o tempo na liberdade do lazer

Marcelo Barros *

Quanto mais a civilização descobre meios velozes de transporte e instrumentos eficazes de comunicação, mais aumenta a sofreguidão do ser humano de trabalhar, produzir e consumir.

O fato de precisar menos tempo para ir de um lugar a outro e contar com máquinas e técnicas aperfeiçoadas para fazer coisas que, antigamente, eram artesanais, não está tornando as pessoas mais livres para fazer aquilo que gostam. Ao contrário, as pessoas trabalham mais e tem menos qualidade de vida do que na época na qual ninguém viajava de avião, não havia computador e telefone celular.

Mesmo quem opta por priorizar as relações humanas e inicia a correria do dia por um tempo de meditação espiritual e quietude, dificilmente escapa da pressão cultural da sociedade do trabalho e da pressa.

No século IV, Santo Agostinho dizia saber o que é o tempo, mas ter dificuldade de defini-lo. A humanidade estuda a evolução dos tempos. A meteorologia estuda a variação dos climas e a História descreve a sucessão das épocas e períodos históricos. Mas, enquanto os capitalistas crêem religiosamente que tempo é dinheiro, muitas comunidades tradicionais continuam sem relógio.

Ainda há muita gente no campo e mesmo na cidade que dedica o melhor do seu tempo para conviver, conversar e estar com as pessoas que ama. Vivem o tempo de forma mais gratuita, na relação uns com os outros, com a natureza e com o mistério, fonte de tudo.

Em comunidades indígenas que ainda podem viver sua cultura original, homens e mulheres adultos, que devem prover o alimento e organizar o cotidiano, aprendem das crianças a produzir sem perder a dimensão lúdica da vida. Recordam à nossa sociedade que o tempo pode ser Pensado e



vivido como graça e oportunidade de relacionamento e doação. Todos fazem confidências à lua e namoram as estrelas. A eles as estrelas-guias se queixam dos homens sérios que trabalham tanto que nem mais escutam os sussurros do céu e perdem a orientação nas noites escuras da vida.

Leonardo Boff diz que a civilização ocidental promoveu o trabalho sem, ao mesmo tempo, garantir o cuidado com a vida e a natureza. Olhado como valor em si mesmo e

pelo que produz, o trabalho devastou o mundo e corrompeu a alma de muita gente.

Na Europa o sociólogo Domenico de Masi chama a atenção para o fato de que, na cultura pós-industrial, o ser humano tende a se tornar uma espécie de autômato, preso à engrenagem do tempo. Corre todo tempo afim de mais produzir e consumir. Masi propõe como alternativa o "ócio criativo". Não significa preguiça ou passividade, mas outra forma de administrar o tempo; uma espécie

de sincretismo entre as atividades produtivas, a arte e o lazer. O ócio criativo é mais uma forma de lidar com o tempo e a vida do que uma atividade que se realiza. Seria um jeito de viver.

É difícil falar em "ócio criativo" para a multidão que, para sobreviver, tem de se submeter a trabalhos pesados, horários estafantes e condições de insalubridade. São milhões que, apesar de tudo, ainda parecem mais realizados do que a massa de desempregados que jaz excluída da modernidade. O capitalismo avança retornando a formas novas de escravidão no campo como na cidade, ao mesmo tempo que, em diversos países, explora o trabalho de crianças e adolescentes.

No Brasil o Instituto "Ócio Criativo" tem como objetivo erradicar este tipo de trabalho. É um objetivo nobre e que deve envolver a todos. Mesmo pais e educadores que lidam com crianças e adolescentes economicamente não-carentes, às vezes, incorporam o espírito desta sociedade sem coração. Passam a filhos e educandos uma sensação

de desconforto pelo simples fato de não estarem na escola ou trabalhando em algo considerado produtivo. A filosofia do lazer criativo e libertário é necessária e tem muitas dimensões que não podem ser esquecidas ou desvalorizadas.

Em 1960, no nordeste, Ariano Suassuna publicou "A Farsa da Boa Preguiça e o Rico Avarento". Contava a história do poeta Joaquim Simão que se sentia discriminado e tido como preguiçoso porque as pessoas não consideravam a poesia e a arte como trabalhos dignos e sérios. No fundo, o mestre Ariano revela na cultura popular brasileira esta resistência cultural à sociedade da produção e defende o direito ao tempo livre e gratuito.

Os mais diversos caminhos espirituais da humanidade têm em seu bojo a sabedoria de ligar trabalho e lazer, atividade e descanso. Na Bíblia, o Eclesiastes diz: "Há tempo para tudo debaixo do céu. Há tempo para trabalhar e tempo para abraçar, tempo para buscar e tempo para o lazer" (Ecl 3).

**Monge beneditino, escritor.*

- ❖ Segundo o autor, há um lazer criativo, bem diferente de formas desumanizadoras de lazer. Que exemplos de lazer criativo estão ao nosso alcance? O que praticamos?
- ❖ Há grupos sociais empobrecidos, forçados a trabalhar sem parar para garantir a simples sobrevivência biológica, não morrer de fome. Que formas de lazer criativo lhes restaria?
- ❖ Do outro lado, há os viciados no trabalho, não sabem mais parar, relaxar, refletir sem pressa. Conhecemos exemplos?
- ❖ Como equilibrar, se podemos, trabalho e lazer construtivo?

GURUS DA SAÚDE

Depois não se queixe...

... não foi por falta de conselhos...

(Compilados por Humberto Barcellos Soneghet)

Os dez mandamentos de Nuno Cobra, preparador físico

- 1- Durma pelo menos oito horas e tente acordar sem despertador. "Ele é uma agressão ao organismo".
- 2- Alimente-se em pequenas quantidades a cada três horas.
- 3- Cheire a comida, pegue as folhas com as mãos e mastigue o mais devagar possível.
- 4- Exerça alguma atividade física pelo menos três vezes por semana. Uma hora de caminhada pode ser praticada por qualquer pessoa, em qualquer lugar, e é suficiente para obter os benefícios do esporte.
- 5- Evite ficar nervoso. Em situações de stress, experimente bocejar e espreguiçar.
- 6- Dedique pelo menos quinze minutos do dia à meditação. Escolha um local silencioso, sente-se numa posição confortável e se esqueça da vida.
- 7- Tome banhos frios. Esse hábito é energizante.
- 8- Nenhum tratamento irá funcionar se você não abandonar seus vícios, a começar pelo cigarro.
- 9- Quando fizer exercícios físicos, concentre-se apenas neles. Não leia enquanto pedala na bicicleta, nem ouça música enquanto corre.
- 10- Preste atenção ao fluxo de ar que entra e sai de seu pulmão e procure respirar mais profundamente. Faça elogios com mais frequência. Essa tática funciona como um ímã e faz com que todos queiram estar a seu lado.

Os cinco mandamentos de Alfredo Halpern, endocrinologista

- 1- Não se culpe por ser gordo. Procure ajuda e emagreça.
- 2- Fuja das fórmulas mágicas e das dietas milagrosas. O que vale é aprender a comer.
- 3- Não há alimento proibido. O segredo é não exagerar em nada.
- 4- É possível comer bem e ter um peso normal.
- 5- Obesidade é uma doença e, às vezes, seu tratamento requer a intervenção de medicamentos. Mas lembre-se: eles precisam ser receitados por um médico.

Os cinco mandamentos de Fernanda Lima e Ari Stiel Radu, reumatologistas

- 1- Não pratique exercícios em locais expostos à poluição, como avenidas movimentadas. Escolha horários com menos tráfego ou deixe para se exercitar em casa, numa esteira, por exemplo.
- 2- A regularidade traz mais benefícios à saúde do que a intensidade da atividade física.
- 3- Fique atento à postura. Se você não se cuidar, todo o seu esforço com atividades físicas poderá ser em vão.
- 4- Seja paciente com seu corpo. Em um mês, você não vai recuperar o atraso de dez anos.
- 5- Evite exercitar-se em horários de calor excessivo, para não sofrer desidratação.

Os cinco mandamentos de Tânia Rodrigues, nutricionista

- 1- Acostume-se a beber mais água. Deixe uma garrafa de meio litro sobre a mesa de trabalho e outra dentro do carro.
- 2- Inclua pelo menos três frutas na alimentação diária. Elas garantem quantidades mínimas de vitaminas, fibras e minerais, que ajudam a prevenir diversos tipos de câncer.
- 3- Não saia de casa sem se alimentar. Se sua refeição for apenas um cafezinho, pelo menos acrescente um pouco de leite à xícara.
- 4- O jantar deve ser a refeição mais leve do dia. Se você tem mais fome à noite, faça um esforço e coma menos nesse horário. O corpo se acostumará e você terá mais apetite de manhã.
- 5- Coma uma pequena porção de algum alimento rico em carboidrato uma hora antes das atividades físicas. Isso vai melhorar seu rendimento.

Os cinco mandamentos de Hong Jin Pai, acupunturista

- 1- Reclamar da vida só causa stress. Em vez de resmungar porque faz frio, vista um agasalho.
- 2- Passamos a maior parte do dia no trabalho. Por isso, você precisa amar o que faz.
- 3- Aproveite o trânsito para escutar alguma música de que goste, estudar um idioma ou, se não estiver dirigindo, ler.
- 4- Seja otimista. Lembre-se de que todas as crises são passageiras.
- 5- A terceira idade deve ser a melhor fase da vida. Estude, exercite-se e leia. Ficar parado só acelera o envelhecimento.

As frases lapidares de Millôr Fernandes.

"Além de ir pro inferno só tenho medo de uma coisa: juro."

"Baiano só tem pânico no dia seguinte."

"Canalhas melhoram com o passar do tempo (ficam mais canalhas)"

Ação de Graças

Dou graças ao Senhor pela fé que me arrebatou e queima, e calcina o meu espírito, e me faz atravessar as noites de obscuridade, e me clareia de relâmpagos, e verga os meus joelhos diante do Mistério, e arranca dos meus lábios secos sussurros orantes.

Graças ao Senhor pelo olhar enternecido da mãe debruçada junto ao berço, e do pai prenhe de clamores de justiça, e da família que se interroga frente ao futuro, intimidada pela vicissitudes de uma política engessada, sem no entanto esmorecer na luta cidadã por direitos e conquistas.

Ao Senhor graças pelos navios que hasteiam bandeiras no horizonte da utopia e despejam de seus convés a memória dos excluídos, e aos caçadores de esperanças que jamais perdem de vista o seu alvo, e aos peregrinos que se recusam a cessar seus passos em troca de uma estabilidade tão inepta quanto pássaros empalhados.

Dou graças pelo encantamento da palavra, sua força criativa, vulcânica, instauradora de ódios e amores, e seu eco inaudível nos subterrâneos da consciência, lá onde o verbo que se faz carne transubstanciando-se em espírito e descerrando as profundências da verdade.

Graças pelos que fraudam as guerras e expõem ao ridículo a arrogância dos poderosos, que tornam inviável o equilíbrio de forças, pois sabem que a paz é filha da justiça, e que a política se cura da insanidade quando, transmutada em chaves, abre os grilhões que oprimem os pobres.

Ao Senhor dou graças por quem, desprovido de terra, ergue-se repleto de dignidade e abriga-se sob a lona preta para escapar da favelização urbana, e desmascara a lei injusta, a prepotência do latifúndio, a agressividade bélica dos que se julgam portadores de escrituras divinas.

Graças pelo silêncio dos monges enclausurados, a quietude solene das bibliotecas abaciais, o tom suave, repetitivo e solene do canto gregoriano, a sensualidade das curvas góticas, a irreverência do barroco e a beleza hermafrodita dos anjos.

Dou graças por tanta fraqueza subjacente às nossas petulantes aparências, a carência indignada de nossa subjetividade, avessa à mentira, ao suborno e à falsa promessa, e nos faz descolar-nos de nós mesmos para que, distanciados por fazer o que não somos, sejamos capazes de começar de novo.

Senhor, graças pelo teu amor espelhado nas faces dos dementes, e o tamanho incomensurável de teu perdão a quem verga o coração em súplicas, e a tua cumplicidade com quem rompe leis e cânones para jamais trair a própria consciência.

Graças pelos governantes que ousam dessendentar-se no poço frio da humildade, e não despedem os pobres com as mãos vazias, e consolidam em compromissos as promessas, e forjam decisões, traduzindo-as em efetivas alegrias.

Dou graças ao Senhor pelo traçado irregular da vida, e tantas curvas nos afetos, e as surpresas cotidianas que aplacam desesperanças, e as amizades indeléveis, e os encontros de inesperada alegria, o peso leve do fardo amado, o vigor de abraços que sacramentam laços definitivos, e a identidade que se traduz na limpidez do olhar.

Graças pelo banco de praça, e seus velhos entretidos em memoráveis jogos, o sino repicando na torre da matriz, o sorveteiro assediado por crianças, a moça feia enfeitada de beleza pelo coração apaixonado, correspondida pelo belo moço que deu as costas a tantos rostos que se julgam bonitos.

Dou graças pelo xale que agasalha a mulher na cadeira de balanço, embalada de recordações, e a corrida do menino eivado de júbilo ao encontro do colega, e o vaso de flor colorindo a janela, e a foto dos avós no criado-mudo, e o vinho nobre guardado para uma ocasião especial, e o pão besuntado de manteiga liturgicamente servido e sorvido no café com leite.

Deus, graças pela poesia e a dúvida, a matemática e tão poucas adições numa vida de subtrações, a filosofia, e a estupidez dos cétricos, os belos horizontes e as tardes de trovões e raios, os prêmios e as derrotas, o sucesso e o fracasso, o que se fala e o que se cala.

Graças, enfim, pela vida e pela morte, esta senhora que nos aguarda de braços abertos numa esquina da existência, pronta a nos seduzir e conduzir irremediavelmente à tua presença, onde haveremos de, afinal, entender por que todas as tuas ações são de graça.

(Frei Betto)

Expressões Populares

... expressões que você usa e ouve sem saber como surgiram.

Calcanhar de Aquiles

De acordo com a mitologia grega, Tétis, mãe de Aquiles, a fim de tornar seu filho indestrutível, mergulhou-o num lago mágico, segurando-o pelo calcanhar. Na Guerra de Tróia, Aquiles foi atingido na única parte de seu corpo que não tinha proteção: o calcanhar. Portanto, o ponto fraco de uma pessoa é conhecido como calcanhar de Aquiles.

Voto de Minerva

Orestes, filho de Clitemnestra, foi acusado pelo assassinato da mãe. No julgamento, houve empate entre os acusados. Coube à deusa Minerva o voto decisivo, que foi em favor do réu. Voto de Minerva é, portanto, o voto decisivo.

Casa da Mãe Joana

Na época do Brasil Império, mais especificamente durante a minoridade do Dom Pedro II, os homens que realmente mandavam no país costumavam se encontrar num prostíbulo do Rio de Janeiro, cuja proprietária se chamava Joana.

Como esses homens mandavam e desmandavam no país, a frase "casa da mãe Joana" ficou conhecida como sinônimo de lugar em que ninguém manda.

Conto do Vigário

Duas igrejas de Ouro Preto receberam uma imagem de santa como presente. Para decidir qual das duas ficaria com a escultura, os vigários contariam com a ajuda de Deus, ou melhor, de um burro. O negócio era o seguinte: colocaram o burro entre as duas paróquias e o animalzinho teria que caminhar até uma delas. A escolhida pelo quadrúpede ficaria com a santa. E foi isso que aconteceu, só que, mais tarde, descobriram que um dos vigários havia treinado o burro. Desse modo, conto do vigário passou a ser sinônimo de falcatura e malandragem.

Ficar a ver navios

Dom Sebastião, rei de Portugal, havia morrido na batalha de Alcácer-Quibir, mas seu corpo nunca foi encontrado. Por esse

motivo, o povo português se recusava a acreditar na morte do monarca. Era comum as pessoas visitarem o alto de Santa Catarina, em Lisboa, para esperar pelo rei. Como ele não voltou, o povo ficava a ver navios.

Não entendo patavinas

Os portugueses encontravam uma enorme dificuldade de entender o que falavam os frades italianos patavinos, originários de Pádua, ou Padova, sendo assim, não entender patavina significa não entender nada.

Dourar a pílula

Antigamente as farmácias embrulhavam as pílulas em papel dourado, para melhorar o aspecto do remedinho amargo. A expressão dourar a pílula, significa melhorar a aparência de algo.

Sem eira nem beira

Os telhados de antigamente possuíam eira e beira, detalhes que conferiam status ao dono do imóvel. Possuir eira e beira era sinal de riqueza e de cultura. Não ter eira nem beira significa que a pessoa é pobre, está sem grana.

Genial! Escreva de trás para diante, letra por letra:

SOCORRAM-ME SUBI NO ONIBUS EM MARROCOS

Canto do cisne

Diz-se que o cisne emite um belíssimo canto pouco antes de morrer. A expressão canto do cisne representa as últimas realizações de alguém.

Estômago de avestruz

Define aquele que come de tudo. O estômago do avestruz é dotado de um suco gástrico capaz de dissolver até metais.

Lágrimas de crocodilo

É uma expressão usada para se referir ao choro fingido. O crocodilo, quando ingere um alimento, faz forte pressão contra o céu da boca, comprimindo as glândulas lacrimais. Assim, ele chora enquanto devora a vítima.

Feito nas coxas

As primeiras telhas dos telhados nas casas aqui no Brasil eram feitas de argila, que eram moldadas nas coxas dos escravos que vieram da África. Como os escravos variavam de tamanho e porte físico, as telhas ficavam todas desiguais devido aos diferentes tipos de coxas. Daí a expressão: fazendo nas coxas, ou seja, de qualquer jeito.

Os pais tratam os filhos com justiça?

David-Isaacs*

AOS DIREITOS CORRESPONDEM DEVERES.

As normas que se estabelecem para toda a família deverão respeitar critérios básicos como, por exemplo o direito ao respeito, por parte dos demais, o direito à ajuda dos demais para alcançar uma maior plenitude humana e espiritual cada dia; o direito a participar, de acordo com a capacidade de cada um; o direito a conviver com ordem; o direito à intimidade.

Evidentemente, estes direitos serão compensados pelo dever correspondente. Mas, o modo de interpretar cada um destes direitos e deveres pode ser diferente, de acordo com as características e circunstâncias de cada membro da família. Por isso, tratar-se-á de exigir e orientar a atividade de cada filho, com grande flexibilidade e muito carinho.

O PROBLEMA DOS CASTIGOS

Quando os filhos não cumprem com o que devem, nos encontramos com o problema dos castigos. É absurdo dizer que alguém está a favor ou contra os castigos, porque, na prática, todos estamos continuamente sancionando os demais, seja sorrindo-lhes, ou escutando-os (sanções positivas), ou lendo o jornal sem escutar, ou olhar o relógio quando um filho nos está contando algo que para ele é importante (sanções negativas).

A civilização romana representava a justiça como uma mulher cega que buscava o equilíbrio em uma balança. Desde então, nós, os pais, devemos tentar ser o mais justos possível em nossas relações com os filhos. Entretanto, atuar com justiça pode ser enormemente duro para os pais e para os filhos, em alguns momentos. Por isso, todo ato de justiça sempre deve estar acompanhado pelo carinho.

"Trato meus filhos justamente?", talvez seja esta uma das dúvidas mais frequentes de um pai ou de uma mãe de família. "Atuar bem" supõe tentar superar qualquer simpatia ou antipatia que possa haver a respeito de cada filho. Cada filho é diferente e necessita de um trato diferente, mas isto tem que ser harmonizado com algumas normas gerais de comportamento, para toda a sociedade familiar.

O que se deve procurar é que as sanções sejam adequadas, buscando a melhora do filho. Não pretendemos ser justos sem mais, mas ser justos para conseguir uma melhora pessoal no filho. A criança e o jovem esperam que seus pais atuem justamente com eles, e isto inclui que lhes dêem limites e os castiguem no momento oportuno.

A criança pequena costuma esperar um castigo severo quando uma regra foi quebrada, e algum tipo de expiação. E esta idéia somente muda na medida em que o controle e exigências diretas dos pais começam a estabelecer-se como *cooperação entre todos*. Neste momento, a criança descobre que o castigo mais adequado é a *reparação*: se um menino quebrou uma janela, não se trata de castigá-lo sem ver televisão por uma semana, mas de obrigá-lo a descobrir uma forma para ajudar a pagar uma janela nova, por exemplo. É a adequação mais exata, neste caso.

É EM CASA QUE OS FILHOS APRENDEM A SER JUSTOS.

E, por último, os pais também têm que aprender a retificar. Ser justo não é fácil, especialmente quando não contamos com uma informação

- ❖ O que estas considerações podem nos ajudar a agir com justiça?
- ❖ Como administrar a questão dos castigos e limites?

completa, ou quando estamos influenciados por alguma paixão não devidamente controlada. Muitas vezes é preciso voltar atrás e pedir perdão.

É muito importante para os filhos observar e perceber que os seus pais se preocupam e se esforçam para viver relações justas com todas as pessoas com quem convivem.

Pretendemos que os filhos adquiram a virtude da justiça não só para que atuem bem ao seio da família e com seus amigos, mas também como cidadãos que vão atuar responsavelmente no exercício da profissão e na sociedade. E, neste sentido, devemos ter em conta que "opor-se e criticar por princípio, censurar e culpar cegamente, sem prévia consideração de nenhum gênero, é um ato de injustiça, um atentado contra a justiça distributiva, a única virtude que permite aos Estados viverem e se manterem em ordem."

IMPORTANTE.

Quando queremos ser demasiadamente justos com os outros, o que conseguimos é tornar-nos injuriosos. Se não é possível praticar toda a justiça, sempre será possível ser misericordioso. A misericórdia vai além da justiça

**Autor do livro "A educação das virtudes humanas e sua avaliação".*

infa - instituto da família - 35 anos - um serviço do MFC

Fatos que a mídia não publica

A mídia constrói um cenário pessimista da sociedade e do mundo. Aprendeu que só se garante audiência ou se vendem jornais e revistas se tragédias, desvios de comportamento, intrigas políticas, ações policiais e guerras entre quadrilhas ocupam espaços generosos e viram manchetes chocantes.

A monótona repetição de notícias de episódios degradantes das relações sociais vai consolidando no imaginário da população uma visão deformada e pessimista de mundo.

A Igreja contribuiu por muito tempo para alimentar esse passivo conformismo dos cristãos e a aceitação de sermos mesmo "degredados filhos de Eva, gemendo e chorando nesse vale de lágrimas", esperando uma vida melhor depois da morte. Uma visão mórbida e dualista do mundo criado por Deus para ser um cenário propício à plena humanização de homens e mulheres, criados à Sua imagem.

Essa visão da sociedade e de mundo é falsa. Os episódios que cobrem os espaços da mídia são verdadeiros mas não definem a realidade multifacetada da sociedade, em que estão fortemente presentes relações humanas construtivas, marcadas pela solidariedade, o respeito, a sensibilidade social e o serviço ao outro. Uma infinidade de organizações eclesiais e sociais intermediárias conduzidas por um voluntariado numeroso promove efetivamente essa humanização querida por Deus.

Um exemplo que nos ocorre descrever, dentre uma infinidade de outros igualmente fecundos, é o Instituto da Família (INFA), criado em 1971 pelo Movimento Familiar Cristão, no Rio de Janeiro. Como outras iniciativas desse gênero, esse serviço a famílias se estruturou a partir de uma idéia simples. Partiu do desejo de encontrar resposta para um problema visível: muitas famílias se desestruturam por dificuldades em suas relações internas, sob a influência de pressões externas desagregadoras.

Essa desestruturação pessoal e familiar é causa de infelicidade profunda e exige tanta atenção como os problemas da miséria e da fome, aliás tantas vezes com ela relacionados. A psicologia maneja

um instrumental científico para diagnósticos e tratamento desses fatores desestruturantes. Entretanto, a terapia é cara, inacessível à parcela mais pobre da população, justamente a mais sujeita a situações limites de carências de todo tipo, feridas em sua auto-estima, muitas vezes vítimas de violência e vivendo num espaço físico marcado pelo medo.



Várias especialidades terapêuticas são oferecidas a pessoas e famílias carentes por profissionais qualificados

A solução seria contar com profissionais das diversas áreas da psicologia dispostos a oferecer parte do seu tempo para tratar pacientes que não lhes podem pagar. Em contra-partida ganharão uma experiência muito especial que os fará crescer, por enfrentarem um arco de problemas que normalmente não surgirão nos seus consultórios freqüentados pelas classes mais favorecidas. Feitas as primeiras sondagens, descobriu-se que esses profissionais assim disponíveis existem e demonstram grande interesse em atuar nesse mundo do pobre como desafio e crescimento profissional.

Seria necessário formar equipes de voluntários para gerenciar essa atividade e criar o espaço adequado para esse serviço. Uma primeira casa foi cedida pela Igreja. Mais tarde, outra foi doada por uma família do MFC. Mais recentemente

foi possível comprar mais uma, agora no interior de uma favela urbanizada. O MFC é a fonte das equipes de voluntários.

O que começou timidamente em 1971 cresceu rapidamente por ser desmedida a demanda por esse apoio que os serviços públicos não oferecem. Logo a capacidade de atendimento de cada casa ia sendo esgotada, formando-se intermináveis filas de espera de pessoas que pedem socorro.

Nessa atividade principal, o INFA mantém atualmente quase mil pessoas em terapia com dezoito consultórios, funcionando das oito às vinte horas, nos três Centros de Atendimento. Atuam no INFA mais de setenta profissionais. Desde o início, a terapia indicada exigiu a diversificação das especialidades e serviços, incluindo psicopedagogos e fonoaudiólogos.

Assistentes sociais fazem a triagem para o encaminhamento dos pacientes e negociam o que pagarão pelo tratamento.

Mas os serviços não são gratuitos? Não. Desde a concepção original foi decidido que os beneficiários pagariam o serviço oferecido. Pagarão o que podem pagar. Assim, as sessões de terapia que custam não menos de vinte por cento do salário mínimo em clínicas particulares, tarifa mínima estabelecida pelo Conselho regulador dessa atividade profissional, são fixadas com cada paciente que pagará entre um e vinte reais. É condição para a eficácia do tratamento. A gratuidade conspira contra o êxito da terapia.

Essa modesta contribuição é quase suficiente para manter a entidade funcionando e reembolsar as despesas pessoais dos profissionais. Sócios contribuintes e promoções financeiras complementam a necessidade de recursos, ao mesmo tempo permitindo ao INFA não depender de subsídios públicos, sempre incertos e descontínuos.

Com o tempo, outros programas foram sendo desenvolvidos, como prevenção aos problemas que surgem na terapia. Uma causa comum é a falta de emprego, ou o salário insuficiente para uma vida digna. Também problemas jurídicos

em questões trabalhistas e direito de família. Surgiram então um serviço de orientação jurídica e os cursos de preparação para o trabalho, desde a formação de recreadoras infantis, crecheiras, baby-sitters, até a iniciação à informática.

Outros programas assistenciais vão do empréstimo de cadeiras de rodas e exames oftalmológicos até a produção e fornecimento da farinha nutritiva desenvolvida pela Pastoral da Criança da CNBB a famílias em situação de risco, através de um ambulatório comunitário apoiado pelo Instituto da Família. Bibliotecas oferecem diversas oportunidades de crescimento pessoal, especialmente para crianças e adolescentes.

Esta é uma das inúmeras iniciativas de voluntários a serviço de quem precisa de apoio, atividades que não interessam à mídia, comprovado que a audiência não demonstra interesse nesse tipo de notícia, não vende jornais e não move os sensores eletrônicos do Ibope. Mas refletem melhor o rosto da sociedade do que os episódios trágicos ou deprimentes preferidos pelos editores.

Mark Twain, o escritor americano, já dizia, no seu tempo, que "o editor é aquele que recebe e separa o joio do trigo... e publica o joio".

Para saber mais sobre o INFA acesse www.infa.org.br (H. Amorim)

"O importante não é ganhar. O importante é competir sem perder nem empatar..."

O HOMEM

Um Ser feito de Barro e de Sopro, de Natureza e de Educação

Maurilio Nogueira da Silva*

Deus modelou o homem com a argila do solo, soprou--lhe nas narinas um sopro de vida e o homem tornou-se um ser vivente". (Bíblia).

"A natureza não se aventurou a criar homens"; "O homem é síntese de múltiplas determinações" (Karl Marx).

Dizer que "o homem é feito de barro e sopro" ou que "o homem é filho de Deus" parece-me ser a maneira que a tradição religiosa encontrou para dizer algo que hoje é uma constatação no mundo da ciência mais avançada.

O homem não é apenas um produto da natureza ou um animal mais desenvolvido, como afirmam os materialistas vulgares, que julgam que a matéria, enquanto natureza ou por si mesma, poderia fazê-lo. Essa posição foi criticada há muito, especialmente pelas religiões que sempre se recusaram a aceitar o reducionismo do materialismo tradicional ou naturalista,

defendendo a existência de uma dimensão espiritual ou transcendental que faz parte do homem e do mundo. O que gostaria de chamar a atenção neste pequeno texto é que o combate à tese que vê o homem como produto da natureza foi realizado também pelo filósofo alemão Karl Marx, no final do século XIX. Ele afirma que "a natureza não se aventurou a criar homens", como imaginam os materialistas grosseiros, e que "o homem é síntese de múltiplas determinações". As duas posições acima, embora vindas de fontes tão distintas, convergem num ponto central, ou seja, ambas querem dizer que o indivíduo não se torna humano por obra da evolução da espécie, mas vai adquirindo sua humanidade ou sua natureza verdadeiramente humana à medida que, conscientemente ou não, ele estabelece relações no mundo dos

homens que o cerca. Estas relações caracterizam a Educação, que é uma prática de construção e auto-construção do ser humano, conforme determinado modelo de sociedade onde ele vive, com os valores que ela deseja manter ou criar. Segundo esta visão, o indivíduo humano é, a princípio, um ser da natureza e está submetido às suas leis. Para participar do reino dos seres vivos ele necessita ter alma ou *anima*. Nessa condição de ser vivo ele se torna um indivíduo que tem um corpo animal e sua essência se confunde com seu corpo. Para passar, finalmente, à condição de ser humano, esse indivíduo necessita de um espírito que o dotará de determinadas características especiais a sua psiquê ou o seu Eu cuja função é controlar ou administrar seu corpo segundo suas necessidades e as da cultura em que ele vive. Por isso se diz que o homem é um animal superior. Essa característica especial de cada indivíduo humano, que é seu espírito ou sua psiquê, não é inata nem provém da natureza ou da genética. Hoje se sabe que é através da Educação ou tomando parte ativa na vida dos demais seres humanos que o indivíduo constrói e desenvolve sua humanidade e o seu Eu, tornando-se um ser único, irrepetível e capaz de dar um sentido pessoal a si próprio, às suas atividades e ao mundo que o cerca. Isso significa que a psiquê ou a individualidade de cada homem não pode ser tratada como um fenômeno natural, que se desenvolve à margem do contexto

sócio-histórico onde o indivíduo vive. Não há uma essência individual humana predeterminada e sim historicamente formada. O que o indivíduo traz desde a concepção é sua individualidade orgânica, geneticamente transmitida, que faz cada indivíduo ser diferente dos outros. Mas aí não estamos ainda no nível humano, pois isso ocorre com os seres vivos em geral, desde os vegetais e os animais. Por isso, diga-se de passagem, não há possibilidade de se clonar um ser humano. O que se pode fazer é tão somente um corpo igual a outro. A verdadeira essência de cada indivíduo humano é, portanto, o seu Eu produzido socio-historicamente, pela educação, e que transcende ou vai além do seu corpo material, podendo ser entendido como sua psiquê, ou seu espírito. Assim, podemos dizer que onde o seu Eu está, aí está o indivíduo. É esse Eu que o faz ser um sujeito ativo que dá a verdadeira direção ao seu corpo físico e a toda a sua vida. Por isso, não basta dizer que o homem se caracteriza por ter corpo e alma. De certo modo, todos os seres vivos desde os vegetais - têm corpo e alma ou *anima*, que é o elemento que os faz vivos. Apenas os minerais são considerados seres inanimados ou sem vida. Mas no ser humano a alma adquire uma nova qualidade ao se transformar em "espírito". Essa "alma-espírito", além de manter o homem vivo, faz com que ele viva diferente dos outros seres vivos, tendo consciência de si ou autoconsciência, sendo um sujeito que interage ativamente com

o seu meio, podendo planejar e avaliar suas atividades. Nesse sentido, quando o poeta Fernando Pessoa diz, "tudo vale a pena se a alma não é pequena" ele não está se referindo a uma "alma genérica" que todo ser vivo tem e nem a alma abstrata ou sem ligação com o corpo. O mesmo se pode dizer do outro poeta que afirmou: "enxerga melhor o mundo quem o olha com os olhos da alma". Isso significa que atrás dos olhos que enxergam há um espírito que orienta o olhar do indivíduo, fazendo com que ele enxergue com mais profundidade e seletividade. Assim também, quando o filósofo alemão Friedrich Nietzsche, afirma que a grande razão humana é o corpo, creio que não está se referindo ao corpo apenas como ser vivo, mas ao corpo em sua unidade corpo-espírito, no sentido que dissemos acima. É preciso rompermos a dicotomia corpo-espírito, vendo essas duas dimensões em sua interligação permanente. Assim, entendo que quando na linguagem religiosa se fala de pobreza de espírito, se quer dizer pobreza da pessoa enquanto ser que é corpo e espírito, indissoluvelmente ligados, mas que apresenta um baixo desenvolvimento de sua dimensão espiritual. Concluindo, podemos dizer que é correto afirmar que o Homem é feito de barro e de sopro. De barro,

porque ele é antes um produto da natureza, partilha das suas leis. De sopro, porque a natureza sozinha não é capaz de lhe dar a verdadeira dimensão humana. O sopro simboliza a educação que é, de fato, o que o torna verdadeiramente humano.

** Mestre em Psicologia Educacional
Professor Assistente da Universidade
Federal de Juiz de Fora E. Mail
mautr@uol.com.br*

Leituras sugeridas:

ALVES, Rubem. Conversas com quem gosta de ensinar, SP, Cortez, 1981
A alegria de ensinar, SP. Arts Poética, 1994
Estórias de quem gosta de ensinar. SP. Cortez, 1984
O enigma da Religião, RJ. Vozes, 1981
BOFF, Leonardo. Tempo de Transcendência: o Ser Humano Como um Processo Infinito. RJ. Sextante, 2000.
O Despertar da Água: o dia-bólico e o simbólico na construção da realidade. Petrópolis, Vozes, 1999.
FROMM, Erich. Conceito marxista do Homem. RI, Zahar Editores, 1975.
Análise do Homem, RJ. Zahar, 1978
Ter ou Ser? RJ. Zahar Editores, 1979.
CANEVACCI, Máximo. Dialética do Indivíduo: o indivíduo na natureza, na história e cultura. SP. Brasiliense, 1981.
KONDER, Leandro. O marxismo na batalha das idéias, RJ. Nova Fronteira, 1984
LEONTIEV, Alexis. Actividad, Consciencia e Personalidad, Buenos Aires, Ciencias del Hombre, 1978
O Desenvolvimento do Psiquismo, Lisboa, ed. Novo Horizonte, 1975.
MAY, Rollo, O Homem à Procura de Si Mesmo. Petrópolis, Vozes, 1972
SILVA, Maurilio Nogueira. A Produção Consciência: uma abordagem sócio-histórica. (Dissertação de Mestrado, UNICAMP, em 1986).

Se Deus fez as pessoas para amarmos e as coisas para usarmos, por que amamos as coisas e usamos as pessoas? (Autor desconhecido)



MOVIMENTO FAMILIAR CRISTÃO

EDITORIA & PUBLICAÇÕES

Assinaturas e Expedição de Fato e Razão - Atendimento aos assinantes, assinaturas novas e renovações, números anteriores

Distribuidora Fato e Razão

Pedro e Celina Garcia - Coordenadores

Rua São João, 25 Sobre-Loja - CEP 24020-040 Niterói - RJ

Tel/Fax: (21) 2629-7163 - E-mail: fatorazao@primyl.com.br

Venda de Livros, Revistas e Temários do MFC, pedidos e encomendas para remessa postal

Livraria do MFC

Rua Barão de Santa Helena, 68 Granbery

CEP 36010-520 Juiz de Fora - MG

Tel.: (32) 3214-2952 - E-mail: livraria.mfc@acessa.com

Publicações disponíveis na Livraria MFC

Temários de Reuniões

Ponto de Partida
Um passo adiante
Pés na Terra

Fato e Razão

Números anteriores

Livros

Amor e Casamento
O Assunto é Casamento
Descomplicando a Fé
Eis o MFC
Cuidado Frágil

Colaborações e cartas de leitores

Equipe de Redação de Fato e Razão

R. Des. Saul Gusmão 80 - VIII - CEP 22641-280 Rio de Janeiro - RJ

E-mail: amorim@ibpinet.com.br